



**JANE ALEXANDRE  
ZEFANIAS  
MUTSUQUE**

**Regência verbal na realização do conjuntivo em  
frases subordinadas - Estudo de caso da 12.<sup>a</sup> classe  
da Cidade da Beira**



**JANE ALEXANDRE  
ZEFANIAS  
MUTSUQUE**

**Regência verbal na realização do conjuntivo em frases subordinadas - Estudo de caso da 12.<sup>a</sup> classe da Cidade da Beira**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas (2.º ciclo) – *Estudos Portugueses*, realizada sob a orientação científica das Doutoradas Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e Lurdes de Castro Moutinho, Professora Associada Aposentada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha querida e amada esposa

Júlia Cardoso Mutsuque

## **o júri**

presidente	Professor Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais, Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro
vogal	Professor Doutor Nobre Roque dos Santos, Reitor, Universidade de Zambeze (Unizambeze)
arguente principal	Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro
vogal orientadora	Professora Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

a todos que colaboraram para que este sonho se tornasse realidade, em especial, agradeço

as minhas estimadas orientadoras, Prof.<sup>a</sup> Doutora Lurdes de Castro Moutinho e Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Lúcia Coimbra, pela dedicação, MUITO OBRIGADO;

aos meus amados pais, Alexandre Mutsuque e Sara Tivane, pelo AMOR incondicional;

aos meus irmãos Simão, Elisa, Salma, Alsário e Benigna, pelo carinho;

a minha amiga, namorada e esposa, Júlia Cardoso Mutsuque, pela paciência e incentivo ao longo deste processo;

e, acima de tudo e de todos, agradeço a Deus, o dador da vida.

## palavras-chave

Modo conjuntivo, regência, orações subordinadas.

## resumo

O nosso estudo tem como tema: *Regência na Realização do Conjuntivo em Frases Subordinadas - Estudo de caso dos alunos das 11.<sup>as</sup> e 12.<sup>as</sup> Classes da Cidade da Beira*. Pretendemos, com esta investigação, compreender o nível de proficiência linguística dos falantes do português na cidade da Beira no que diz respeito ao uso do modo Conjuntivo.

No primeiro capítulo deste trabalho, fizemos a apresentação dos elementos introdutórios (tema, problema, os objectivos, as hipótese, justificativas, entre outros). O segundo capítulo foi dedicado à caracterização do Conjuntivo em português. Apresentamos, primeiramente, as noções de modo com base em Mateus et al, na Gramática da Língua Portuguesa (2003) entre outros autores, o que permitiu realçarmos as características de uso desta categoria gramatical, evidenciando a distinção semântica e sintáticas.

No terceiro capítulo, procedemos a análise dos dados relativos ao inquérito que realizamos junto da comunidade estudantil. Neste contexto analisamos os desvios e usos corretos do modo Conjuntivo. Numa primeira fase, descrevemos detalhadamente o método de recolha e análise das produções escritas que integram o corpus e apresentamos igualmente informações relativas ao perfil dos informantes. De seguida, elaboramos uma tipologia dos casos desviantes e dos casos em que o aprendente utiliza corretamente o Conjuntivo assinalados no corpus desta investigação.

Por fim, no quarto capítulo, fizemos uma espécie de síntese das nossas principais constatações resultantes dos dados obtidos no inquérito. Em síntese, concluímos que grande parte dos nossos informantes não são capazes de reconhecer e aplicar as regras de uso do Conjuntivo nos contextos de frases absolutas e de subordinadas completivas de verbos volitivos, epistémicos e causativos, subordinadas condicionais, relativas restritivas e temporais. Concluímos igualmente que o tempo lectivo dedicado para ministrar os conteúdos relacionados com o modo Conjuntivo são ínfimos pois os programas curriculares prevêem dentro de uma unidade temática trabalhar vários outros conteúdos. Assim, recomendamos, aos gestores educacionais, dedicarem maior atenção aos temas ligados ao funcionamento da língua porquanto muitos deles possuem horas reduzidas. Este entrave condiciona a realização de “aulas perfeitas”. Aos professores de língua portuguesa, em particular, por conta da responsabilidade de desenvolver os conteúdos na sala de aula, recomendamos que façam levantamento diagnóstico das competências dos alunos no concernente à concepção do modo Conjuntivo.

**keywords**

Conjunctive mood, regency, subordinate clauses.

**abstract**

Our study has a theme: *Regency in the Realization of the Conjunctive Mood in Subordinated Clauses – A Case Study of students of the 11<sup>th</sup> and 12<sup>th</sup> Grades in Beira City*. The intention with it is to understand the level of linguistic proficiency among speakers of Portuguese in Beira City on what concerns the use of the conjunctive mood.

In the first chapter of this work, we presented the elements of the introductory part (the theme, problem, objectives, the hypothesis, justification and the research rationale among other aspects).

The second chapter was reserved to the description of the conjunctive mood in Portuguese. At first, we presented the notions of the conjunctive mood, based on the insights provided by MATEUS, *et al*, in *The Grammar of the Portuguese Language* (2003) among other authors. This allowed the pinpointing of the features of the use of this grammatical category, highlighting the semantic and syntactic distinctions.

In the third chapter, we proceed to the analysis of the data related to the inquiry we did together with a student community. In this context, we analyzed the deviance and the correct uses of the conjunctive mood. At first instance, in a detailed way, we described the method used in the gathering and analysis of compositions that integrate the corpus and we equally presented information related to the profiles of the respondents. In the following step, we worked on the typology of the cases of misapplication and the cases of the correct use of the conjunctive signaled in the corpus of this investigation.

Lastly, in the fourth chapter, we synthesized the main observations as a result of our inquiry. In a nutshell, we concluded that the majority of our respondents cannot recognize and apply the rules of the use of the conjunctive mood in the contexts of absolute sentences and subordinate complement clauses of volitional, epistemic and causative verbs and of conditional, restrictive as well as time clauses.

We conclude as well that the lesson time to cover the conjunctive mode is minimal, since the curriculum syllabus aims to work many contents within a single thematic unit. Therefore we recommend to the managers of education to pay more attention to the themes or issues linked to language function, as most of them have a very reduced time. This obstacle does not allow for a good or “perfect lesson”. To the Portuguese language teachers, in particular due to their responsibility to develop the contents in the classroom, we recommend them to do a diagnostic survey of the students competence concerning conception of conjunctive mode.





# ÍNDICE

## Capítulo I

### 1. Introdução

1.1 Problema .....	4
1.2 Hipótese .....	4
1.3 Objectivos .....	4
1.4 Justificação para o trabalho .....	5
1.5 Metodologia de Investigação .....	6
1.6 Universo/Amostra .....	8
1.7 Área Geográfica da Investigação .....	8

## Capítulo II

### 1. Pressupostos Teóricos

2.1 Regência (conceito) .....	9
2.2 Definição e Significado do Modo (Verbal) .....	10
2.3 O Modo Conjuntivo .....	12
2.4 O Emprego do Modo Conjuntivo .....	13
2.4.1 O modo Conjuntivo nas orações absolutas .....	14
2.4.2 O Modo Conjuntivo nas Orações Subordinadas .....	16
2.4.2.1 O Conjuntivo nas orações substantivas .....	17
2.4.2.2 O Conjuntivo nas orações relativas .....	20
2.4.2.3 O Conjuntivo nas orações adverbiais.....	27
2.5 Conjuntivo vs Indicativo .....	32
2.6 Tempos do Conjuntivo .....	35
2.6.1 Presente do Conjuntivo .....	35
2.6.2 Pretérito imperfeito do Conjuntivo .....	36
2.6.3 Futuro do Conjuntivo .....	38
2.7 Tempos Compostos (do Conjuntivo) .....	39
2.7.1 Pretérito perfeito composto do Conjuntivo .....	39
2.7.2 Pretérito mais-que-perfeito composto do Conjuntivo .....	40
2.7.3 Futuro composto do Conjuntivo .....	40

### **Capítulo III**

#### **3. Apresentação e Análise de Dados**

3.1 A Concepção do “Modo Conjuntivo” .....	45
3.2 Dificuldades de Aplicação do Modo Conjuntivo .....	50
3.3 Actividades Práticas de Emprego do Conjuntivo .....	54
3.4 Os Conteúdos sobre Modo Conjuntivo nos Programas Curriculares do Ensino Secundário .....	71

### **Capítulo IV**

#### **4. Considerações Finais e Recomendações**

4.1 Conclusões .....	75
4.2 Recomendações .....	76

### **Referências Bibliográficas**

Bibliografia .....	78
Apêndice.....	80

## Capítulo I

### 1. Introdução

Na nossa opinião, a língua é um elemento vital para a comunicação. Para que ela possa ser autêntica é necessário garantir que o discurso linguístico assuma, espontaneamente, a sua natureza de ser, isto é, que seja aplicada de acordo com a norma que rege essa determinada língua. Nesta perspectiva, consideramos interessante desenvolver um estudo que reflete sobre um aspecto particular, no caso, os vários processos de flexão verbal e de regência frásica utilizando o modo Conjuntivo.

O presente trabalho de dissertação é intitulado *REGÊNCIA NA REALIZAÇÃO DO CONJUNTIVO EM FRASES SUBORDINADAS - Estudo de caso dos alunos das 11.<sup>as</sup> e 12.<sup>as</sup> Classes da Cidade da Beira*. Com ele buscamos fazer um estudo sobre a aplicação de verbos no modo Conjuntivo em vários contextos frásicos por parte dos falantes da língua portuguesa residentes na cidade da Beira, uma das cidades capitais de Moçambique. Em termos práticos, abrangemos um universo de cerca de cinco mil alunos finalista do ensino secundário.

Esperamos com isso identificar as principais dificuldades dos nossos informantes e, sobretudo, compreender as causas por detrás dos problemas. Procuramos utilizar métodos simples e adequados de modo a que os nossos objectivos sejam efectivamente alcançados com a eficiência e eficácia que trabalhos deste nível requerem.

## 1.1 Problema

Os falantes (alunos) do português, da cidade da Beira, violam as regras de regência e de flexão verbal ao utilizarem o modo do Conjuntivo em frases subordinadas.

## 1.2 Hipótese

### – Principal

Os falantes do português residentes na cidade da Beira têm dificuldades no uso do conjuntivo em frases subordinadas, pelo desconhecimento e/ou fraco domínio das regras/normas gramaticais respeitantes ao uso do modo Conjuntivo.

### – Secundárias

- Os falantes/alunos desconhecem os itens lexicais que funcionam como regentes do Conjuntivo em frases subordinadas;
- Há uma forte tendência para o emprego de verbos no modo indicativo, contrariamente à forma correcta, em contextos em que se esperaria o Conjuntivo.
- O tempo dedicado para o trabalhar conteúdos ligados à conjugação de verbos no modo Conjuntivo não oferece aos alunos facilidades de compreensão das regras do seu funcionamento.

## 1.3 Objectivos

### – Geral:

Com o presente estudo, pretendemos, em primeira instância, contribuir para melhorar a competência linguística e comunicativa dos falantes do português na região Centro de Moçambique, no que diz respeito à regência verbal em frases subordinadas que requerem o verbo no modo Conjuntivo.

### – Objectivos específicos:

Em termos particulares, pretendemos atingir os seguintes objectivos:

- identificar as estruturas em que o Conjuntivo é empregue em frases subordinadas;
- analisar os factores e contextos que concorrem para a ocorrência do modo Conjuntivo;
- estudar os processos decorrentes da produção de frases/enunciados no domínio da incerteza e da possibilidade;

- propor estratégias didáticas/pedagógicas que permitam uma melhor abordagem do tema e, conseqüentemente, uma melhor compreensão dos alunos, o que conferirá uma melhor competência linguística.

#### **1.4 Justificação para o trabalho/Relevância/Actualidade:**

Para a escolha do tema que nos propusemos a investigar, pesaram alguns factores, de entre os quais se destacam:

- o facto de, enquanto falante/ouvinte do português, termos constatado, em distintos contextos, em que se emprega o modo Conjuntivo, diversas vezes o uso de construções agramaticais;
- enquanto docente do ensino secundário (do primeiro ciclo e do pré-universitário) e do universitário, termos constatado, tanto no discurso oral como no discurso escrito, variadas agramaticalidades no uso do modo Conjuntivo.

Com base nas constatações acima referidas, julgamos interessante compreender os factores motivadores dos desvios à norma fazendo uma abordagem geral sobre o fenómeno, de modo a compreendermos os principais contextos de ocorrência, baseando-se tanto na norma como nos desvios e, em última análise, propor estratégias que permitam aos falantes/alunos incorrerem cada vez menos em realizações agramaticais o que contribuirá, sem dúvidas, para a elevação da qualidade (performance e competência) da língua portuguesa em Moçambique.

O estudo que fazemos sobre o modo Conjuntivo vai, por um lado, permitir à sociedade, no geral, e sobretudo aos alunos, compreenderem as formas de utilização deste modo verbal, pois que as conclusões e recomendações do trabalho poderão servir de base de orientação para novas actividades didáctico-pedagógicas relacionadas com o tema.

Por outro lado, este estudo servirá de alerta aos planificadores educacionais, que se dedicam à elaboração dos currículos escolares, no tocante aos aspectos pontuais relacionados à compreensão, conjugação e consolidação da matéria, por parte dos alunos de modo que se garanta o uso adequado do modo Conjuntivo, tanto no contexto escolar, como no extra-escolar. Por tudo isso, consideramos o tema ser actual, pois notamos que as dificuldades em torno da utilização do modo Conjuntivo abrangem, não somente os alunos do secundário, mas também do universitário e várias outras esferas (políticas, culturais, religiosas, económicas, etc.).

## 1.5 Metodologia de Investigação

A eficiência e eficácia de uma pesquisa científica passa pela selecção e uso de métodos adequados, daí que reservamos uma atenção considerável a este pormenor, de modo a orientarmos a nossa investigação com as melhores metodologias em função dos objectivos que pretendemos alcançar.

O presente estudo, do ponto de vista da sua natureza, afigura-se como sendo uma pesquisa aplicada, pois objectiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. No nosso entender, ele envolve verdades e interesses locais na produção do discurso dos falantes: alunos e cidadãos da urbe beirense.

Nesta base, o nosso estudo baseia-se no método analítico-descritivo, pois, segundo RAMPAZZO (2003), “a pesquisa descritiva procura classificar, explicar e interpretar os fenómenos que ocorrem”<sup>1</sup>.

### ▪ **Abordagem**

Como dissemos no parágrafo anterior, a nossa pesquisa fundamenta-se no método descritivo como forma de conceder maior cunho interpretativo do fenómeno. Assim recorreremos a uma abordagem indutiva sendo que, no pensamento de LAKATOS e MARCONI (1995), o método indutivo faz “aproximação dos fenómenos caminhando geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias (conexão ascendente)”<sup>2</sup>. Portanto, procuramos com este método criar um entendimento único a partir das observações do fenómeno no terreno.

### ▪ **Técnicas de Investigação**

Para dar um maior cunho interpretativo e consistência científica aos resultados que obtivemos do fenómeno linguístico em estudo, optamos por fazer uma miscelânea de técnicas de investigação, que se destacam:

---

<sup>1</sup>Rampazzo, 2003, p.58.

<sup>2</sup>Lakatos e Marconi, 1995, p.134.

**Pesquisa Bibliográfica**, que consistiu no estudo do tema, com base na literatura existente composta por livros (gramáticas e dicionários da língua portuguesa) e diversos artigos científicos, e outros recursos documentais.

Outra técnica privilegiada no nosso estudo foi a do **levantamento de dados**. Esta técnica de pesquisa envolveu a interrogação directa das pessoas cujo comportamento se desejou conhecer, parafraseando GIL (1991)<sup>3</sup>. O levantamento de dados foi realizado com base num questionário onde os informantes apresentaram os seus pontos de vista em relação à realização/emprego do modo Conjuntivo nas suas variadas posições gramaticalmente aceites.

#### ▪ **Procedimentos Técnicos**

No que se refere aos procedimentos, utilizamos o **método monográfico**. A escolha deste método teve como base a necessidade de oferecermos a nossa investigação uma perspectiva única e aprofundada.

Outro método adoptado foi o **método estatístico**, que implicou a utilização de números, percentagens (análises estatísticas) para determinar determinadas tendências no âmbito da interpretação do fenómeno.

A **análise e interpretação** de dados observaram três momentos distintos:

- (i). pré-análise, que consistiu na organização e recolha do material (elaboração do questionário e preenchimento por parte do grupo-alvo);
- (ii). descrição analítica dos dados, a fase de codificação, classificação e categorização dos dados; e
- (iii). interpretação referencial, a fase de tratamento, reflexão e deduções sobre o fenómeno em análise. Nesta fase, o objectivo da análise dos dados foi o de sumariar as observações de forma que estas permitissem dar respostas às perguntas e encontrar sentidos mais amplos de tais respostas pela sua ligação com outros conhecimentos já obtidos.

---

<sup>3</sup> Gil, 1991, p.34.

## 1.6 Universo/Amostra

Com o nosso estudo, abrangemos todas as escolas secundárias pré-universitárias (ou do segundo ciclo do ensino geral) da cidade da Beira, como forma de compreendermos todo um conjunto de procedimentos metodológicos que as escolas têm desenvolvido em torno do ensino e aprendizagem de conteúdos ligados à conjugação de verbos no modo Conjuntivo. A abrangência dessas escolas contribuiu para colhermos possíveis experiências que, de alguma forma, ajudarão a optarmos por melhores estratégias de actuação no âmbito da realização linguística deste fenómeno.

Em termos gerais abrangemos um universo de cinco mil e cem (5100) alunos que frequentam a 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> Classes do Ensino Secundário Geral. A nossa amostra foi de 502 alunos oriundos de nove (9) escolas, sendo quatro (4) públicas e cinco (5) privadas. Em cada escola trabalhamos com uma média de cinquenta e cinco (55) alunos. O procedimento para a escolha da nossa amostra baseou-se na técnica de amostragem probabilística, especificamente na amostragem por Clusters<sup>4</sup>.

## 1.7 Área Geográfica da Investigação

A nossa investigação realizou-se na Província de Sofala, cidade da Beira. Trabalhamos com todas as escolas secundárias que leccionam o segundo ciclo (11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> classes) ao nível do Município da Beira, de entre elas destacam-se: Escola Secundária da Ponta-Gea, Escola Secundária Samora Moisés Machel, Escola Secundária da Manga, Escola Secundária Sansão Mutemba – escolas públicas e Escola Nossa Senhora de Fátima, Escola Privada de Chaimite, Escola Secundária Catedral, Escola Secundária Americam Bord e Escola Municipal Estrela da Manhã – escolas privadas. A abrangência a todas estas escolas foi feita com a pretensão de termos uma percepção geral do nível de elaboração do discurso dos falantes/alunos, no âmbito da utilização do modo Conjuntivo, tomando em consideração o seu estatuto académico porquanto já terem passado por todo um processo lectivo que, em princípio, lhes confere um adequado nível de proficiência na produção linguístico-gramatical da língua portuguesa.

---

<sup>4</sup> Este tipo de amostragem é especialmente útil quando o universo estatístico é formado por populações de grande dimensão e dispersas por vastas áreas geográficas. A Amostragem por Clusters usa agrupamentos naturais de elementos da população, nos quais cada elemento da população pertence a um só grupo. (...) Os Clusters são escolhidos aleatoriamente e, dentro de cada Cluster todos os elementos são seleccionados, ou seja, só existe uma etapa de amostragem. Está orientada para a selecção de grupos de elementos e não de elementos individuais. Disponível no sito: <http://claracoutinho.wikispaces.com/M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Amostragem>.



## Capítulo II

### 2. Pressupostos Teóricos

No presente capítulo, fazemos uma reflexão sobre algumas teorias já avançadas relacionadas com o tema em estudo. Entre outros tópicos destacamos o conceito de modo verbal e do modo Conjuntivo, em particular. Fazemos igualmente abreviadas reflexões sobre os vários contextos de aplicação do modo Conjuntivo de acordo com a norma gramatical da língua portuguesa. Neste último ponto privilegiamos o estudo para os casos de emprego do Conjuntivo em orações absolutas e subordinadas; a relação do Conjuntivo com o Tempo verbal e o contraste entre o Conjuntivo e o Indicativo. No geral, os vários exemplos frásicos que aqui trazemos foram extraídos das gramáticas de língua portuguesa, dicionários, sítios da internet e alguns resultam da nossa própria criatividade (nossos exemplos). Todos eles estão devidamente citados.

#### 2.1 Regência (conceito)

Quando olhamos com minúcia as palavras de uma oração, ficamos com a impressão de que elas têm uma relação de interdependência. Tal relação é visível na medida em que uma palavra ou expressão serve de um complemento relativamente a outra. Esta relação é designada pelos linguistas de **regência** tal como podemos constatar no *Dicionário da Língua Portuguesa*, (1994:421), “termo que deriva do Latim – *regentia*, designação referente ao modo de construção exigido por certas palavras a outras com que elas combinam, atingindo assim o modo, flexão”. Outro dicionário (online) remete-nos para a seguinte linha: regência é um “substantivo feminino; acto ou efeito de reger; relação de dependência entre as palavras de uma oração ou entre as orações de um período.”<sup>5</sup> Como exemplo disso, podemos observar as seguintes frases:

(1) *Oxalá*<sup>6</sup> **sejam** felizes!<sup>7</sup>

(2) *Talvez*<sup>8</sup> **seja** bom dormires agora.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], disponível no sítio: <http://www.priberam.pt/dlpo/reg%c3%aancia> [consultado em 05-10-2013].

<sup>6</sup> A palavra *oxalá* é uma interjeição «que expressa vivo desejo que determinada coisa ocorra; queira Deus, prouvera a Deus, tomara, assim seja». *Oxalá* vem do «ár[abe] *in xā, llāh* "se Deus quiser" ou, mais prov[avelmente] (seja do ponto de vista fonético ou do ponto de vista semântico), do ár[abe] *waxā, llāh* (pronunciado comumente *woxā, llāh*) "e queira Deus", prov[avelmente] pelo esp[anhol] (primeiro registrado em 1495)», disponível no sítio: <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=25138> [consultado em 25-08-13].

<sup>7</sup> Disponível no sítio:

<http://www3.hf.uio.no/ilos/studier/fleksibel/portugisisk/emne/por1102/presppt/Conjuntivo.pps> [consultado em 25-08-13].

<sup>8</sup> O termo *talvez* é um “advérbio; usa-se para indicar uma possibilidade (ex.: ele é talvez o escritor mais publicado). = porventura, possivelmente, quiçá; usa-se para indicar dúvida ou incerteza; é possível que

Nos exemplos acima, frases (1) e (2), trazemos situações típicas de regência. Como podemos constatar nas notas de rodapé 5 e 6, os conceitos dos termos em alusão estão intimamente ligados a algo que se pretende, que se ambiciona... e isso estabelece uma forte relação com o modo Conjuntivo<sup>10</sup>. Portanto, a utilização dos termos pressupõe a selecção do modo. Na frase (2), por exemplo, onde o advérbio *talvez* nos remete para uma frase dubitativa, impõe-se a selecção do Conjuntivo em vez do Indicativo, do Imperativo, do Infinitivo ou do Gerúndio. Logo, há aqui uma relação de conectividade, de vassalagem ou se quisermos, há uma relação de subordinação entre o termo *talvez* e o verbo *ser* no modo Conjuntivo, “*seja*”. Neste caso específico, o advérbio é a palavra regente e o verbo é a regida.<sup>11</sup>

O propósito que orientou o apuramento do nosso tema *Regência na Realização do Conjuntivo em Frases Subordinadas*, especialmente o termo *regência*, advém da necessidade de compreendermos ou estudarmos os vários contextos de aplicação do modo Conjuntivo (se acontece por necessidade, por eventualidade, por obrigatoriedade gramatical ou por opcionalidade do falante) em língua portuguesa.

## 2.2 Definição e Significado do Modo (Verbal)

Antes de fazermos quaisquer considerações a fundo sobre a expressão “Modo Conjuntivo” consideramos pertinente fazer uma breve incursão sobre o conceito de “Modo” na perspectiva da sua funcionalidade gramatical enquanto *modo verbal*.

Para compreendermos o conceito de Modo verbal temos, antes de mais, de o conceber numa perspectiva mais semântica do que gramatical. Esta concepção baseia-se no facto de as definições apresentadas pelos vários linguistas se fundarem em argumentos semânticos dos verbos e não na sua forma ou constituição.

---

(ex.: *talvez seja cedo demais*) extraído do *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, disponível no sítio: <http://www.priberam.pt/dlpo/talvez> [consultado em 05-10-2013].

<sup>9</sup> Nosso exemplo.

<sup>10</sup> Modo Conjuntivo “o modo da irrealidade, do não realizado, da incerteza, da possibilidade, da dúvida, da suposição, da condição, do desejo.”, disponível no sítio: [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 05-09-2013]

<sup>11</sup> A palavra dependente denomina-se *regida*. O termo a que se subordina designa-se por *regente*.

O conceito de Modo aplica-se “às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um facto”, segundo o sítio da internet por nós consultado<sup>12</sup>. Na mesma linha de pensamento, mas desta vez de uma forma mais restrita, os linguistas CUNHA e CINTRA (1984) definem o Modo como sendo "a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao facto que enuncia"<sup>13</sup>. Para MATEUS, et al (1983), o conceito de Modo não foge muito dos anteriores; elas advogam que o Modo Verbal tem a ver com a "atitude do locutor em relação ao estado de coisas expresso pelo enunciado"<sup>14</sup>. No sítio da internet<sup>15</sup> o modo:

é uma categoria gramatical associada ao verbo que se exprime através de sufixos de flexão. Por exemplo, na forma verbal <cantassem>, -sse- é o sufixo de flexão que dá a informação de modo conjuntivo e de tempo pretérito imperfeito. O modo é um dispositivo linguístico privilegiado para exprimir a *modalidade* (em sentido lato, a modalidade é a atitude do falante perante a validade do conteúdo proposicional do seu enunciado e define-se basicamente em duas possibilidades: realidade e irrealidade).

Na língua portuguesa, o Modo é uma categoria verbal constituída por várias classes flexionais. É importante compreendermos que é através dos Modos que os verbos podem exprimir a "relação modal entre o locutor e o estado de coisas."<sup>16</sup>, segundo MATEUS, et al, (1983). Nesta base podemos concluir que os diferentes modos verbais expressam determinadas modalidades, uma vez que indicam ou interpretam as atitudes enunciadas pelo enunciador face ao conteúdo proposicional do seu enunciado.

Parafraseando MATEUS, et al, (1983) existem três grupos de conceitos modais:

- as modalidades deônticas, quando as relações são tidas como obrigatórias ou facultativas, permitidas ou interditas;
- as modalidades aléticas que funcionam ao nível dos estados de coisas, cujas relações se estabelecem como sendo necessárias ou contingentes, possíveis ou impossíveis; e
- as modalidades epistémicas, quando as relações são tidas como certas ou contestáveis, plausíveis ou excluídas.

---

<sup>12</sup> Disponível no sítio: <http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf60.php> [consultado em 25-06-2013].

<sup>13</sup> Cunha e Cintra, 1984, p.463.

<sup>14</sup> Mateus, et al, 1983, p.148.

<sup>15</sup> Constatado no sítio: [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 15-06-2013].

<sup>16</sup> Mateus et al, 1983, p.148.

Nestes dois últimos conceitos podemos compreender como sendo modalidades que funcionam ao nível do conhecimento que cada locutor tem dos estados de coisas.

Como já fizemos referência prévia, não faremos uma reflexão a fundo sobre o termo “Modo” pois não é o nosso foco no presente estudo; é sim uma base para a construção de uma expressão verbal maior “Modo Conjuntivo”, então, o nosso objecto de estudo. E importante realçar que em português, há três modos verbais consensualmente aceites pelos linguistas e por gramáticos: o indicativo, o conjuntivo e o imperativo.<sup>17</sup>

### 2.3 O Modo Conjuntivo

Do estudo que fizemos chegamos a conclusão que o termo *Conjuntivo* foi amplamente estudado por vários linguistas ligado aos estudos da regência verbal, pelo que foram identificados vários traços semânticos para explicar este modo. De uma forma geral, todos eles estão baseados nos pressupostos presentes nas Gramáticas tradicionais e referem que o Conjuntivo é o modo do irreal, da incerteza e do impossível.

Etimologicamente o termo Conjuntivo provém “do latim *conjunctivus* (que serve para ligar) denota que uma acção, ainda não realizada, é concebida como ligada a outra, expressa ou subentendida, de que depende”<sup>18</sup>, segundo CUNHA e CINTRA (2010). Ainda para os mesmos autores, o Conjuntivo é:

o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*,

---

<sup>17</sup> “Quanto ao estatuto do **condicional**, a gramática tradicional tem-no considerado um modo verbal autónomo, embora C. Cunha e L. Cintra (1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*) o insiram no indicativo remetendo-o à condição de tempo com a designação de “Futuro do Pretérito”. Outros autores, como M. Vilela (1999, *Gramática da Língua Portuguesa*) devolvem o estatuto de modo ao condicional, que funciona como expressão do “irreal no passado”, de “um pedido”, da “suavização de uma informação” ou de “um desejo”. Da mesma forma, Fátima Oliveira (2003), *in Gramática da Língua Portuguesa*, defende que o condicional, como de resto o futuro do indicativo, podem funcionar como modos em muitos contextos, não obstante haja situações em que apenas funcionem como tempos. O modo não se pode confundir com o tempo e a sua especificidade consiste em não marcar uma localização relativa a um dado momento. Neste sentido é que se pode atribuir valor modal e não temporal ao futuro e condicional. Quanto ao **Infinitivo**, apesar de algumas gramáticas tradicionais considerarem-no como um modo, estudos recentes em semântica excluem essa possibilidade, defendendo que o infinitivo na sua forma impessoal é uma forma nominal do verbo, enquanto o infinitivo pessoal e flexionado é a forma não marcada do verbo,” disponível no sítio: [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 15-06-2013].

<sup>18</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.464.

*duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar.*<sup>19</sup>

Os autores acima citados, na sua obra de 1986, alegam que o Conjuntivo "quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a acção verbal de um matiz afectivo que acentua fortemente a expressão de vontade do indivíduo que fala."<sup>20</sup>

O conceito do modo Conjuntivo é igualmente definido pelo dicionário HOUAISS (2003) o qual advoga a ideia de que o modo "expressa a acção ou estado denotado pelo verbo como um facto irreal, ou simplesmente possível ou desejado, ou que emite sobre o facto real um julgamento"<sup>21</sup>. Esta ideia é comungada por MATEUS, et al, (2003), ao defenderem que o Conjuntivo é "tradicionalmente associado ao domínio da incerteza, eventualidade ou dúvida, pode surgir em construções em que, pela sua natureza, esperaríamos o modo Indicativo ou vice e versa"<sup>22</sup>.

Numa outra perspectiva, a EL-BC (s/d), fundamenta o conceito do termo *Conjuntivo* afirmando que a "realização do processo [conjuntivo] é concebida como dependente ora da vontade (valor optativo e daí também imperativo) ora da potência judicativa do sujeito falante [...] equivalendo esta segunda forma ao juízo implícito"<sup>23</sup>.

Em suma, podemos concluir, com base nas definições acima aludidas, que o modo Conjuntivo apresenta o facto ou a acção representada pelo verbo, como duvidosa, dependente de determinada condição, um pedido ou mesmo uma ordem.

## **2.4 O Emprego do Modo Conjuntivo**

O emprego do modo Conjuntivo obedece a regras de funcionamento da língua. No caso da língua portuguesa, o emprego do Conjuntivo tem em conta os contextos: orações ou frases absolutas e ou orações subordinadas. Num outro desenvolvimento, pode-se analisar o modo Conjuntivo tendo em conta os Tempos verbais. Todavia, no presente estudo não fazemos um grande aprofundamento sobre os Tempos do Conjuntivo, excepto nos casos indispensáveis ao nosso estudo.

---

<sup>19</sup> Cunha e Cintra, 2010, p. 464.

<sup>20</sup> Cunha e Cintra, 1986, p.463.

<sup>21</sup> Houaiss, 2003, p.1043.

<sup>22</sup> Maria, et al, 2003, p.258.

<sup>23</sup> AAVV, (s/d), *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, p.1410.

### 2.4.1 O modo Conjuntivo nas orações absolutas

O emprego do Conjuntivo, em orações absolutas, dá-se normalmente nas frases imperativas negativas. Para MATEUS, at al, (2003) o Conjuntivo “em frases simples ocorre em imperativas nos casos em que o modo Imperativo é defectivo<sup>24</sup>. Mas também surge em frases com certas expressões feitas e quando a frase se encontra no escopo de advérbios como: *oxalá* e *talvez*.”<sup>25</sup> Com base na ideia avançada pelos linguistas Cunha e Cintra (1986), o Conjuntivo poderá igualmente ocorrer em orações independentes.

Há, no entanto, vários estudos que defendem uma ideia contrária sobre a ocorrência do Conjuntivo em frases independentes, uma delas é relatada por CAMARÁ (1988) ao referir que “o Subjuntivo<sup>26</sup> tem características sintáticas de ser uma forma verbal dependente de uma palavra que o domina, seja o advérbio talvez proposto, seja um verbo da oração principal”<sup>27</sup>. Esta reflexão traz ao décimo a ideia de que ele ocorre apenas em frases dependentes.

A ideia acima avançada é contraditada com base nas matrizes que seguem adiante. Nas frases Imperativas, por exemplo, o Conjuntivo ocorre nas frases positivas (imperativo positivo) na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural, respectivamente:

(3) *Ande!*<sup>28</sup>

(4) *Entremos!*<sup>29</sup>

(5) *Cantem!*<sup>30</sup>

O mesmo já não acontece nas frases imperativas negativas em que o Conjuntivo ocorre em todas as pessoas:

(6) *Não grites!*<sup>31</sup>

---

<sup>24</sup> *Verbos defectivos* têm comportamento contrário ao dos verbos abundantes, pois enquanto estes apresentam mais de uma forma verbal para representar um mesmo modo, tempo e pessoa, aqueles apresentam uma ausência de algumas formas verbais, ou seja, não possuem determinadas formas conjugadas, disponível no sítio: <http://www.infoescola.com/portugues/verbos-defectivos-2/> [consultado em 19-07-2013]

<sup>25</sup> Mateus, op cit., p.259.

<sup>26</sup> Subjuntivo no padrão brasileiro e Conjuntivo no padrão europeu.

<sup>27</sup> Mattoso Camara, 1988, p.98.

<sup>28</sup> Nosso exemplo.

<sup>29</sup> Disponível no sítio:

<http://www3.hf.uio.no/ilos/studier/fleksibel/portugisisk/emne/por1102/presppt/Conjuntivo.pps> - de agora em diante as referências relativas a este sítio serão indicadas pelas iniciais do autor (MKW - Marcin Krzysztor Wlodek).

<sup>30</sup> MKW.

<sup>31</sup> MKW.

- (7) *Não fale!*<sup>32</sup>
- (8) *Não entremos!*<sup>33</sup>
- (9) *Não saiam!*<sup>34</sup>
- (10) *Venham agora.*<sup>35</sup>
- (11) *Raios partam pá!*<sup>36</sup>

Ainda em frases absolutas, o emprego do Conjuntivo dá-se nas frases optativas/exclamativas exprimindo um desejo possível de concretizar-se:

- (12) *Sejam fortes, meus rapazes!*<sup>37</sup>
- (13) *Oxalá sejam felizes!*<sup>38</sup>
- (14) *Viva Benfica!*<sup>39</sup>
- (15) *Tomara consiga passar no exame.*<sup>40</sup>

Nas frases dubitativas, depois do advérbio *talvez* em vez do Presente ou Futuro do Indicativo:

- (16) *Talvez seja bom.*<sup>41</sup>

Em frases coordenadas, o Conjuntivo ocorre “sobretudo quando há um contraste entre elas, como é o caso das conjunções *quer... quer* e *ou*.”<sup>42</sup>, exemplo:

- (17) *Quer queiras quer não queiras, vais para bombeiro voluntário.*<sup>43</sup>

Para além dos casos apresentados acima, CUNHA e CINTRA (2010) referem que o emprego do Conjuntivo nas orações principais pode exprimir “desejo, um anelo; uma exclamação denotadora de indignação”<sup>44</sup>, respectivamente:

- (18) *Chovam hinos de glória na tua alma.*<sup>45</sup>
- (19) *Raios partam a vida e quem lá ande.*<sup>46</sup>

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Nosso exemplo.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> MKW.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Nosso exemplo.

<sup>42</sup> Mateus, et al, 2003, p.259.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.465.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.465.

## 2.4.2 O Modo Conjuntivo nas Orações Subordinadas

No presente trabalho, não faremos um estudo esgotado sobre a ocorrência do modo Conjuntivo por uma questão de gestão do nosso foco. Trazemos sim, alguns casos que consideramos mais evidentes no tratamento deste modo verbal.

CUNHA e CINTRA (1986) advogam que o Conjuntivo "emprega-se normalmente na oração subordinada".<sup>47</sup> Este entendimento sobre a ocorrência do Conjuntivo nas orações dependentes é vista sob diversos prismas, um dos quais é avançado pelas autoras MATEUS et al, (1983) ao alegarem que o Conjuntivo "ocorre obrigatoriamente em orações subordinadas em que o predador da oração subordinante é: avaliativo; volitivo/optativo; uma modalidade lexicalizada; de actividade mental cuja modalidade é possível ou contingente; um predicado de uma construção causativa".<sup>48</sup> Segundo estas linguistas, existe, na estrutura profunda do verbo, uma expressão que insere a oração subordinada de Conjuntivo.

Tal como fizemos referência nos parágrafos anteriores, o Conjuntivo não ocorre apenas nas orações absolutas ou principais, mas também acontece nas orações subordinadas. Para as autoras MATEUS, et al, (2003):

o modo Conjuntivo pode ocorrer em frases completivas, relativas, condicionais, temporais, concessivas e finais, nalguns casos obrigatoriamente e noutros opcionalmente, contrastando com o modo Indicativo e apresentando consequentemente distinções semânticas.

É importante realçar que o horizonte de aplicação do Conjuntivo não se limita à ideia apresentada pelas autoras MATEUS et al. (2003), ele alarga-se para outros tipos de orações, como é o caso das causais e das consecutivas, segundo FIGUEIREDO (2003).

Nas orações subordinadas, a ocorrência do modo Conjuntivo, no tempo presente, revela uma ideia de sobreposição ou posterioridade; o verbo da oração principal num dos tempos do grupo do presente – Presente, Pretérito Perfeito Composto, Imperativo, Futuro, por exemplo nas frases (20) e (21):

---

<sup>47</sup> Cunha e Cintra, 1986, p.463.

<sup>48</sup> Mateus, et al, 1983, pp.151-152.



(20) *Lamento* que **estejas** doente.<sup>49</sup>

(21) *Quero* que **estejas** mais tarde.<sup>50</sup>

Portanto, na frase (20), a sobreposição verifica-se, por um lado, na forma verbal *lamento* que nos remete para um acto imediato (= agora), e por outro, na expressão *estejas doente*, que também nos remete para uma acção presente (= agora). Na frase (21), a posterioridade verifica-se na forma verbal *quero*, que remete para um desejo corrente (= agora) e a forma verbal *estejas* que remete para o futuro (= mais tarde).

#### 2.4.2.1 O Conjuntivo nas orações substantivas

De uma forma geral, as orações substantivas completam o sentido do predicado da oração principal, podendo em alguns casos funcionar simplesmente como sujeito ou como complemento dependentes de expressões impessoais (completivas do adjectivo, do verbo e do substantivo), como nos exemplos abaixo:

(22) *É possível* que os assaltantes já **estejam** no estrangeiro.<sup>51</sup>

(23) *É uma pena* que tu não **possas** vir connosco ao cinema.<sup>52</sup>

(24) *Basta* que você **chegue** às nove horas.<sup>53</sup>

É importante salientarmos que existem algumas **expressões impessoais** que exigem o uso do Conjuntivo na oração completiva, como são os casos de: *basta que; convém que; é conveniente que; é admissível que; é bom que; é duvidoso que; é difícil que; é espantoso que; é estranho que; importa que; é impossível que; é justo que; é lógico que; é mau que; é melhor que; é necessário que; é pena que; é pior que; pode ser que; é possível que; é preciso que; é provável que; é raro que; é uma vergonha que*.<sup>54</sup> Exemplos frásicos:

(25) *Basta que* **fales** tudo.<sup>55</sup>

(26) *Convém que* tu **compres** a cama.<sup>56</sup>

(27) *É lógico que* **reproves** nessa classe.<sup>57</sup>

---

<sup>49</sup> FIGUEIREDO, p.352, 2003.

<sup>50</sup> Idem, 356.

<sup>51</sup> MKW.

<sup>52</sup> MKW.

<sup>53</sup> MKW.

<sup>54</sup> MKW.

<sup>55</sup> MKW.

<sup>56</sup> MKW.

<sup>57</sup> MKW.

Por outro lado, existem similarmente expressões impessoais que exprimem **certeza e evidência** e que por isso constroem frases com o verbo no Indicativo:

(28) É certo / claro / evidente / verdade que a criança **tem** febre.<sup>58</sup>

(29) Não é certo / claro / evidente / verdade que a criança **tenha** febre.<sup>59</sup>

Na frase (28) temos, por exemplo, a expressão *é evidente* que exprime certeza ou evidência. Estando a frase na forma afirmativa remete-nos para o uso do verbo da oração subordinada no modo Indicativo, contrariamente a frase (29) em que com a mesma expressão reveladora de uma evidência, mas neste caso a frase na forma negativa, o verbo da oração subordinada passa para o Conjuntivo.

Nos casos em que as orações dependem de verbos que exprimem **desejo e ordem**, a oração principal exprime uma “vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao facto de que se fala”<sup>60</sup>, segundo CUNHA e CINTRA (2010) exemplo:

(30) *Não quero que ele me **julgue** sem pudor, (...)*<sup>61</sup>

(31) *Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.*<sup>62</sup>

De uma forma geral apresentamos um conjunto de verbos que exprimem um desejo e uma ordem e que com a sua ocorrência exigem o uso do Conjuntivo na oração subordinada (neste funciona como completiva do verbo): *aconselhar, conseguir, consentir, deixar, desejar, dizer (= mandar), exigir, evitar, fazer (com que), impedir, mandar, ordenar, pedir, permitir, proibir, propor, querer, recomendar, resolver, sugerir, suplicar.*<sup>63</sup>

O Conjuntivo é também empregue nas orações que dependem de verbos de expressões que **exprimem sentimento** (verbos avaliativos). Para CUNHA e CINTRA (2010), o Conjuntivo nas orações substanciais expressam “um sentimento, ou uma apreciação que se emite com referência ao próprio facto em causa”<sup>64</sup>:

(32) *Pior será que nos **enxotem** daqui...*<sup>65</sup>

(33) *Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.*<sup>66</sup>

---

<sup>58</sup> MKW.

<sup>59</sup> MKW.

<sup>60</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.466.

<sup>61</sup> Nélida Piñon, CC, 145. apud Cunha e Cintra, 2010, p.466.

<sup>62</sup> Ibdem.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> MKW.

Segundo o sítio da internet<sup>67</sup> existem verbos e enunciações que **expressam sentimentos** e que exigem o uso do Conjuntivo na oração subordinada (completivas do verbo e do substantivo). Estes enunciados ou expressões ocorrem normalmente na oração principal. As expressões são: “*admirar-se de que; agradecer que; esperar que; estar à espera de que; estimar que; estranhar que; gostar que; lamentar que; preferir que; rezear que; sentir que; temer que; ter esperança de que; ter medo que.*”<sup>68</sup>

Um outro contexto de colocação do Conjuntivo dá-se nas orações que dependem dos **verbos de opinião com um modificador** (que podem ser considerados verbos avaliativos<sup>69</sup>):

(34) *Acho bem que tu **tenhas** muita calma nesta hora.*<sup>70</sup>

(35) *Acho estranho que **trates** os animais com essa delicadeza.*<sup>71</sup>

O modo Conjuntivo também é empregue na oração subordinada quando a oração principal tem um verbo que exprime “dúvida que se tem quando à realidade do facto enunciado: *Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice*”<sup>72</sup>. CUNHA e CINTRA (2010). Outros exemplos que podem ter com o verbo *duvidar* ou expressões equivalentes (*ter dúvidas de que*):

(36) *Duvido que eu **venha** à festa.*<sup>73</sup>

(37) *Eles têm dúvidas de que o Joel **venha** a tempo.*<sup>74</sup>

(38) *Não duvido que o Bruno **virá** à festa.*<sup>75</sup>

Se pegarmos na frase (37), e passarmos para a forma negativa, a expressão “duvido que” irá requerer o verbo da oração subordinada no modo Indicativo, frase (38). Ainda nas orações substantivas, o Conjuntivo é empregue quando na subordinante o verbo expressa uma opinião e ou é uma expressão de certeza, frase (39) e evidência na negativa, frases (40) e (41):

---

<sup>66</sup> MKW.

<sup>67</sup> Disponível no sítio: <http://www.soportugues.com.br/secoes/morfo/morf60.php> [consultado em 15-05-2013].

<sup>68</sup> MKW.

<sup>69</sup> Os *verbos avaliativos* estariam mais ligados à credibilidade e legitimidade do redator da matéria em relação ao seu entrevistado. É importante ressaltar, aqui, o papel do narrador, pois é ele quem traduz as intenções do seu interlocutor, segundo o seu próprio ponto de vista ou de um grupo que ele representa. JORNALISMO E LITERATURA - OS PROTAGONISTAS DO DISCURSO PELOS VERBOS DICENDI Tania Maria Bezerra Rodrigues,

[http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos\\_completos/Jornalismo%20e%20literatura-%20os%20protagonistas%20do%20discurso%20pelos%20verbos%20dicendi%20-T%C3%82NIA.pdf](http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos/Jornalismo%20e%20literatura-%20os%20protagonistas%20do%20discurso%20pelos%20verbos%20dicendi%20-T%C3%82NIA.pdf)

<sup>70</sup> MKW.

<sup>71</sup> MKW.

<sup>72</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.467.

<sup>73</sup> MKW.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Idem.

(39) *Não é verdade que tu **comas** mais que eu.*<sup>76</sup>

(40) *Não acho que todos **estejam** em casa.*<sup>77</sup>

(41) *Não julgo que **aceite** tudo.*<sup>78</sup>

Tal como acontece nas orações principais com verbos avaliativos, nas orações principais com **verbos de opinião e expressões de certeza e evidência**, que exigem o uso do Conjuntivo na oração subordinada (completivas do verbo, adjectivo e substantivo), existem expressões que ocorrem na oração principal: “*não achar que; não crer que; não julgar que; não parecer que; não pensar que; não ser certo que; não ser evidente que; não ser verdade que.*”<sup>79</sup>

#### 2.4.2.2 O Conjuntivo nas orações relativas:

O emprego do Conjuntivo nas orações subordinadas relativas acontece muitas das vezes dependendo do contexto em que é empregue. Segundo MATEUS (2003), o modo Conjuntivo ocorre apenas nas orações relativas restritivas e livres.

Nas relativas explicativas este modo já não acontece, em sua substituição aplica-se o Indicativo porque ele está relacionado com o facto de os DPs<sup>80</sup> terem sempre uma leitura específica, sendo preferencialmente nomes próprios ou descrições definidas. Por exemplo:

(42) *O Jorge, que **chega** sempre a horas, traz a encomenda.*<sup>81</sup>

Nos casos em que o Conjuntivo ocorre nas orações subordinadas, a subordinante tem um antecedente indefinido ou indeterminado (nestes casos não se sabe se a entidade referida existe ou não se sabe identificá-la), como nos casos:

(43) *Compra-me um livro que **tenha** a sua fotografia.*<sup>82</sup>

(44) *Precisamos de uma professora de matemática que **fale** bem o português.*<sup>83</sup>

Na mesma perspectiva, o Conjuntivo pode ocorrer quando na oração principal tiver um antecedente negativo (com a finalidades de referir a uma entidade que não existe), por exemplo:

---

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> DPs - do inglês *determinerphrase*, que significa sintagmas determinantes,

<sup>81</sup> Mateus, et al, 2003, p.263.

<sup>82</sup> Nosso exemplo.

<sup>83</sup> Idem.

(45) Não há ninguém que me **possa** dar todas as plantas.<sup>84</sup>

(46) Não existe nada que me **faça** parar de pensar.<sup>85</sup>

Há casos em que o Conjuntivo ocorre quando regido por uma oração sem o antecedente expresso depois de expressões ou enunciados: *aparece quem, há quem, não falta quem, encontra-se quem*, etc.:

(47) Apareça quem **queira** terá a sua respectiva recompensa.<sup>86</sup>

(48) Não falta quem **possa** estragar a nossa animação.<sup>87</sup>

O Conjuntivo é igualmente empregue quando ocorre em orações introduzidas por *onde / como / quem / quando / o que quer que e qualquer / quaisquer que*, por exemplo (49) e (50). É importante aqui realçar que nem todas as orações subordinadas introduzidas pelas conjunções *onde, como, quem e quando* são regidas forçosamente por um verbo no Conjuntivo. Há casos em que o verbo da oração subordinada se realiza no infinitivo ou no Indicativo, frase (51).

(49) O que quer que **coma**, fico com dores de estômago.<sup>88</sup>

(50) Onde quer que **vás**, nós também vamos.<sup>89</sup>

(51) Queremos comer onde **comes**.<sup>90</sup>

Outrossim, segundo COIMBRA (2000), o Conjuntivo pode ser empregue em frases relativas quando o “antecedente é indefinido ou indeterminado.”<sup>91</sup> Tal como compreendemos na concepção do modo Conjuntivo, o verbo da oração dependente aponta para uma acção que ainda não aconteceu e como tal afigura-se como sendo uma incerteza ou um desejo. Os exemplos abaixo são elucidativos:

(52) Precisamos de uma empregada que **seja** eficiente.<sup>92</sup>

(53) Precisamos da empregada que **é** eficiente.<sup>93</sup>

(54) Não conheço ninguém que **fale** tantas línguas como ele.<sup>94</sup>

(55) Não conheço o aluno que **fala** tantas línguas como ele.<sup>95</sup>

---

<sup>84</sup> MKW.

<sup>84</sup> MKW.

<sup>85</sup> Nosso exemplo.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Nosso exemplo.

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> Coimbra, 2000, p.16.

<sup>92</sup> Ibidem.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Idem.

Nos exemplos acima constatamos que, nas orações principais das frases (53) e (54), respectivamente, “Precisamos de uma empregada” e “Não conheço ninguém”, o nome “*empregada*” e o pronome indefinido “*ninguém*” antecedem a conjunção relativa da subordinada. Os verbos que os acompanham, normalmente, encontram-se no modo Indicativo ou Imperativo (tempo presente), tal como se vêem na frase (53) “Precisamos” – presente do Indicativo; e frase (54), “conheço” – Indicativo. Um dado importante a realçar nestas duas frases que trazemos como exemplos é o facto de o verbo da frase dependente se encontrar no presente. Portanto, podemos concluir que o presente do Conjuntivo também ocorre em orações relativas.

Contrariamente ao que aconteceu nas frases (52) e (54), os verbos das orações subordinadas das frases (53) e (55) estão conjugados no Indicativo pelo facto das orações principais fazerem referência a um sujeito real, imediato, material, um sujeito já conhecido “a empregada”, “o aluno”. De uma forma geral, nas orações relativas, o modo Conjuntivo ocorre em duas vertentes distintas:

Nas **frases relativas restritivas** podem ocorrer com ambos os modos (Indicativo e Conjuntivo). A escolha do modo é determinada pela escolha do verbo, artigo, vários determinantes, negação, advérbios frásicos, etc. As relativas restritivas podem seleccionar ou não o modo Conjuntivo tendo em conta, por exemplo, o contexto opaco<sup>96</sup> e ou o contexto transparente<sup>97</sup>.

No caso dos verbos que remetem para os **contextos opacos** entende-se que se a informação que as entidades referidas existem ou que alguém acredita na sua existência, têm a leitura específica, caso contrário, trata-se da leitura não específica. KONUPKOVÁ (2007) refere que alguns manuais escolares e gramáticas advogam, por um lado, que os “verbos, se seguidos pelo artigo definido, seleccionam o modo Indicativo, por outro lado, se utilizados com o artigo indefinido, ocorrem automaticamente com o conjuntivo”<sup>98</sup>. Observemos os contrastes entre as frases (54) e (55), como exemplos concretos.

---

<sup>95</sup> Coimbra, 2000, p.16.

<sup>96</sup> O *contexto opaco* “é gerado pelos verbos opacos, representados por exemplo pelos verbos procurar, querer, precisar, reclamar, faltar e semelhantes. Quando têm como complemento um SN, permitem que este tenha uma leitura específica, mas também não específica”, segundo KONUPKOVÁ, 2007, p.40.

<sup>97</sup> O *contexto transparente* “é gerado pelos verbos transparentes: ver, encontrar, descobrir, haver, existir, conhecer e semelhantes. Quando têm como complemento um SN, permitem que este tenha uma leitura específica, quer seja definido quer indefinido”, segundo KONUPKOVÁ, 2007, p.42.

<sup>98</sup> Konupková, 2007, p.40.

Se focarmos a nossa atenção nos exemplos (52) ou mesmo (54), onde ocorrem o Conjuntivo, seremos levados a concluir que, nas frases relativas restritivas, o artigo/pronome indefinido exige obrigatoriamente a selecção do Conjuntivo. Enganar-nos-emos. Pois é necessário, antes, contextualizarmos, isto é, termos a noção da real intenção de comunicação do emissor (aquilo que podemos chamar de *leitura específica*). Na frase (52) *Precisamos de uma empregada que seja eficiente*, por exemplo, podemos ter duas leituras distintas: a primeira, entende-se que o sujeito enunciador precisa de uma empregada qualquer que seja eficiente; a segunda leitura é que se precisa de uma determinada empregada. No primeiro caso, temos uma leitura não específica (imprecisa). Por esta via a selecção do Conjuntivo é correcta. Já no segundo caso, na frase parafraseada, ao contrário da primeira interpretação, faz-se uma leitura específica, por isso, é obrigatório seleccionar o modo Indicativo. A esse respeito KONUPKOVÁ (2007) advoga que “é seleccionado só o modo indicativo nas frases relativas restritivas que desenvolvem o SN definido, como também indicam a possibilidade de utilizar ambos os modos depois de um SN indefinido”.<sup>99</sup> A mesma autora chama a atenção para o facto de o emprego do Conjuntivo ser obrigatório nas frases relativas restritivas, quando for antecedido de um pronome indefinido (qualquer, alguém, etc.), pois para esses casos só tem uma leitura, a não específica.

Como já fizemos referência, o emprego do Conjuntivo em orações relativas restritivas tem em conta não exclusivamente o contexto opaco mas também o **contexto transparente**. Neste caso deve-se dizer que a selecção do Conjuntivo é feita de uma forma exclusiva, pois, na maioria dos casos ocorrem em oposição ao modo Indicativo. A linguista KONUPKOVÁ (2007), a esse respeito defende que “como o Conjuntivo não pode ocorrer nos casos em que o falante acredita na existência dos SN’s, não se pode empregar depois dos verbos de conhecimento e crença – acreditar, etc.”<sup>100</sup>

(56) *Ele acredita que uma cobra que **saiu** / \*tenha **saído** do mato lhe envenenou o cavalo.*<sup>101</sup>

Ao analisar a frase acima, Rui Marques (1995) refere que “não podemos ter certeza de que aquela cobra verdadeiramente existe. Contudo, o verbo *acreditar* revela-nos que embora a cobra não tenha que existir necessariamente no mundo real, existe no mundo mental do falante.”<sup>102</sup> Assim, no caso em análise, o correcto é seleccionar o Indicativo, não o Conjuntivo como se esperaria. De igual modo, “o Conjuntivo não pode ocorrer quando as frases contêm

---

<sup>99</sup> Konupková, 2007, p.41.

<sup>100</sup> Idem, p.p. 41-42.

<sup>101</sup> Marques, 1995, p.143.

<sup>102</sup> Idem, pp.143-144.

quantificadores *alguns, vários, todos e metade.*"<sup>103</sup> Em contrapartida, quando o pronome indefinido *algum* aparece numa interrogação, selecciona o modo Conjuntivo, frase (58):

(57) *Tenho alguns/vários/todos os sapatos que **compro** / \***compre** no bazar da esquina.*<sup>104</sup>

(58) *Haverá algum homem que nunca **tenha** tido desilusões?*<sup>105</sup>

Outros casos em que o Conjuntivo é seleccionado podem ser sintetizados (parafraaseados) com base nas referências feitas por KONUPKOVÁ (2007)<sup>106</sup>. Esta autora aponta duas perspectivas distintas:

- a) quando a conjunção relativa é antecedida por quantificadores *poucos, no máximo x, menos de x.* a autora chama a atenção para o facto de que algumas fontes indicarem que, depois destes quantificadores, é automática a selecção do modo Conjuntivo. Por outro lado, outras fontes revelam que podem ocorrer ambos os modos, tal como se vê no exemplo a seguir:

(59) *Há pouca gente que **sabe** / **saiba** ouvir música.*<sup>107</sup>

(60) *Há no mínimo uma pessoa que **sabe** / **saiba** ouvir música.*<sup>108</sup>

Analisando a frase (59), segundo Faria (1979), "a frase com o Conjuntivo mostra que se trata de uma potencialidade, ou seja, o falante é da opinião que saber ouvir música é função apenas de alguns, neste caso, poucos."<sup>109</sup> Portanto, "utiliza-se o modo conjuntivo quando a frase pode ser parafraaseada por *Há pouca gente que pode saber (saiba) ouvir música*".<sup>110</sup>

- b) A segunda perspectiva é quando a frase principal aparece na forma negativa. Neste caso, para além dos quantificadores acima apresentados, podem desempenhar um papel muito importante na selecção do Conjuntivo outros qualificadores: *nada, nenhum, ninguém,* etc. Exemplo:

(61) *... não conseguem viver nada que **diga** respeito à idade deles.*<sup>111</sup>

---

<sup>103</sup> Faria, 1974, p.61.

<sup>104</sup> Nosso exemplo.

<sup>105</sup> Fonseca, 1970, p.94

<sup>106</sup> Konupková, 2007, pp.42-45.

<sup>107</sup> Faria, opcit, p.61.

<sup>108</sup> Nosso exemplo.

<sup>109</sup> Faria, opcit, pp.60-61.

<sup>110</sup> Ibidem.

<sup>111</sup> CD, Português Falado, Vida de Estudante.



(62) *Não há arco-das-sete-cores que os **faça** / esquecer a morte na sua demorada complacência...*<sup>112</sup>

Há casos especiais de emprego do Conjuntivo (neste caso mais particularmente em oposição ao Indicativo) que não podemos passar de lado, por exemplo, quando se tornam complemento dos verbos opacos. Em geral, depois de um verbo opaco ou numa frase complemento de um verbo opaco, o verbo da frase relativa pode ser o Conjuntivo:

(63) *Gostávamos que comprasse o livro que era / **fosse** menos caro.*<sup>113</sup>

(64) *Gostávamos que comprasses um livro que fosse / \***era** menos caro.*<sup>114</sup>

No que diz respeito à última frase, o indicativo também é possível, se a interpretação for específica: *Gostava que comprasses um livro que (eu sei que antigamente) era menos caro*. No entanto, há casos semelhantes em que o antecedente da relativa também segue um verbo no Conjuntivo, contrariamente aos exemplos acima apresentados não é, no entanto, permitido utilizar ambos os modos. Para a selecção do modo é decisivo o contexto, tal como se vê nas frases (65) e (66):

(65) *Quero que tenhas uma casa que seja / \***é** bonita.*<sup>115</sup>

(66) *Quero que tenhas a casa que é / \***seja** bonita.*<sup>116</sup>

Outro caso especial acontece quando o verbo da frase não é opaco ou quando é obrigatória a selecção do Indicativo, é possível intercalar advérbios frásicos no interior da relativa, frase (67). Contudo, é necessário chamar a atenção para o facto de tais advérbios não poderem ocorrer nas frases com o Conjuntivo, como se observa na frase (68). Nestes casos, para a tornar gramatical, o verbo da relativa deve necessariamente passar para o Indicativo, como se vê no exemplo, na frase (69).

(67) *Tenho uma casa que felizmente **é** bonita.*<sup>117</sup>

(68) *\*Quero uma casa que felizmente **seja** bonita.*<sup>118</sup>

(69) *Quero uma casa que felizmente **é** bonita.*<sup>119</sup>

---

<sup>112</sup> Teixeira, 1991, p.94.

<sup>113</sup> MENDES, 1996, p. 52

<sup>114</sup> Ibidem.

<sup>115</sup> Mendes, 1996, p.53.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> Idem.

Em frases **relativas livres**, o Conjuntivo pode ocorrer, contudo, segundo Radka Konupková (2007), “o seu emprego nelas não é obrigatório porque pode ser facilmente substituído pelo Indicativo”<sup>120</sup>, como mostram os exemplos a seguir:

(70) *Quem **tiver** lido esse livro aprendeu muitas coisas.*<sup>121</sup>

(71) *Quem **leu** esse livro aprendeu muitas coisas.*<sup>122</sup>

MARQUES (1995) refere que, na primeira frase, é confirmado que o Conjuntivo ocorre em frases relativas de SNs que não permitem inferir que as entidades referidas existem. Mais concretamente, o falante não assume a existência de alguém que leu o livro. Ao invés disso, a segunda frase revela que na realidade existe alguém que leu o livro.<sup>123</sup>

Por fim, nas **relativas explicativas**, o Conjuntivo acontece raras vezes pois normalmente as subordinadas relativas seleccionam o Indicativo pelo facto de as explicações induzirem a algo que por fim é esclarecedor, elucidativo, portanto, verídico. Segundo KONUPKOVÁ (2007), “as frases relativas explicativas ocorrem só com o modo indicativo, não se podem utilizar com o Conjuntivo (o conjuntivo é excluído), visto que são agramaticais”<sup>124</sup>. Exemplo:

(72) *Os alunos, que **chegaram** / **\*tenham** chegado atrasados, podem sair.*<sup>125</sup>

(73) *Todo o atleta, que **chegou** / **\*tenha** chegado ao fim da prova, será homenageado.*<sup>126</sup>

Nas frases acima (72) e (73), os sintagmas nominais estão representados pelos nomes próprios ou descrições definidas (a maior parte das vezes acontece assim) o que nos remete também para uma leitura própria ou particular. Por exemplo, na frase (73), a relativa selecciona o Indicativo (não o Conjuntivo) pelo facto de a frase indicar que é certo que a homologação sucederá ao atleta que chegou ao fim da prova. Portanto, isso não é dado como dúvida ou possibilidade, é um facto. O mesmo se dá na frase (72).

Logo, podemos concluir que “o Indicativo é seleccionado porque ocorre no contexto transparente”<sup>127</sup>. Nos casos em que a oração relativa segue os indefinidos, para seleccionar o

---

<sup>120</sup> Konupková, 2007, p.50.

<sup>121</sup> Marques, 1995, pp.11 + 140.

<sup>122</sup> Ibidem.

<sup>123</sup> Idem, pp.139-140.

<sup>124</sup> Konupková, 2007, p.39.

<sup>125</sup> Mendes, opcit, p.59.

<sup>126</sup> Marques, op cit., p.10.

<sup>127</sup> Idem.

modo Indicativo, têm que ter obrigatoriamente uma leitura específica, como se observa no exemplo a seguir:

(74) *Um miúdo do colégio, que **chega** sempre a horas, traz a encomenda.*<sup>128</sup>

#### 2.4.2.3 O Conjuntivo nas orações adverbiais

Como já temos vindo a realçar, a construção do Conjuntivo é feita de variadas formas e dependente de vários tipos de frases. De entre elas existem aquelas que são regidas por advérbios ou locução adverbiais que agem como concessivas, finais, condicionais, consecutivas, temporais, causais e comparativas. Para os autores CUNHA e CINTRA (2010):

“nas orações subordinadas adverbiais o Conjuntivo, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções. Em princípio, podemos dizer que o Conjuntivo é de regra depois das conjunções”<sup>129</sup>

Podemos constatar os vários casos de emprego do Conjuntivo nas adverbiais nas seguintes modalidades:

##### – O Conjuntivo nas orações adverbiais finais

O emprego do Conjuntivo dá-se nas orações adverbiais finais quando elas são introduzidas por conjunções e locuções finais (*a fim de que, para que, porque*) que indicam a finalidade da oração principal, por exemplo:

(75) *Vão agora para que não se **atrasem**.*<sup>130</sup>

##### – O Conjuntivo nas orações adverbiais condicionais

Outro tipo de frase em que o Conjuntivo ocorre acontece nas orações condicionais, que são introduzidas por conjunções e locuções condicionais: *a menos que, a não ser que, caso, com a condição de que, contanto que, desde que e sem que* para indicar uma hipótese ou uma

---

<sup>128</sup> Isabel, 2004, p.263.

<sup>129</sup> Cunha e Cintra, opcit, p.468.

<sup>130</sup> MKW.

condição de que depende a acção expressa na oração principal. Portanto, “a condição é irrealizável ou hipotética”<sup>131</sup>, CUNHA e CINTRA (2010), exemplo:

(76) *Fico em casa, desde que **haja** condições para tal.*<sup>132</sup>

(77) *Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **decida** tudo.*<sup>133</sup>

#### – O Conjuntivo nas orações adverbiais temporais

A ocorrência do Conjuntivo dá-se também nas orações temporais, pois são introduzidas por conjunções e locuções temporais (*antes que, até que, logo que, mal*) que exprimem uma ideia de tempo, indicando anterioridade e sobreposição. MATEUS, et al, (2003) defende a ideia de que “o uso do Conjuntivo está ligado a uma informação temporal de futuro (...) aquele modo ocorre quando o tempo da oração temporal é posterior ao da enunciação”<sup>134</sup>, por exemplo:

(78) *Viajaremos logo que **tivesses** tudo em ordem.*<sup>135</sup>

(79) *Vamos agora antes que **tenhas** preguiça.*<sup>136</sup>

Contudo, nem todas as orações introduzidas pela locução *logo que* são apresentadas o verbo no modo Conjuntivo. MATEUS (2003) advoga que “no caso de *logo que*, é possível também encontrar o modo Indicativo, desde que haja uma informação de passado, como na frase seguinte:

(80) *Ele foi para casa logo que **começou** a chover.*<sup>137</sup>

O Indicativo pode ser empregue não apenas nas orações introduzidas pela locução adverbial *logo que*. Juntam-se a esta, a locução *até que* e a conjunção *mal*, quando transmitirem uma informação, quer seja do passado, quer seja de uma acção habitual.

(81) *Mal **pensei**, fiquei irritada.*<sup>138</sup>

(82) *Ficamos sempre trancados até que **voltam** os militares.*<sup>139</sup>

Neste contexto, as informações de passado e de acção habitual transpõem uma realidade, contrastando com a semântica do Conjuntivo, que de uma maneira geral, se liga à

---

<sup>131</sup> Cunha e Cintra, 2010, p. 469.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Idem.

<sup>134</sup> Mateus, et al, 2003, p. 265.

<sup>135</sup> Ibidem.

<sup>136</sup> Mateus, et al, 2003, p. 265.

<sup>137</sup> Idem.

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Idem.

eventualidade, à possibilidade, etc. A expressão *Mal pensei*, da frase (81) remete-nos para uma acção passada que, portanto, corresponde a um facto real já realizado. Daí que o verbo da oração subordinada deva estar no modo Indicativo. Na frase (82), a acção de voltar é habitual; algo que acontece com alguma frequência, portanto, pressupõe-se que seja uma realidade, daí o apuramento do Indicativo, mesmo que a oração seja introduzida por *até que*.

As locuções e conjunções adverbiais temporais só podem sugerir o Conjuntivo quando se referirem a uma acção futura (acaso, possibilidade). Os exemplos abaixo são ilustrativos:

(83) *Mal **pensares**, fiques irritada.*<sup>140</sup>

(84) *Informa-me de tudo, mal **souberes** das coisas.*<sup>141</sup>

(85) *Temos toda a segurança militar até que **partam** os militares.*<sup>142</sup>

O verbo *pensar* antecedido pela conjunção *mal* aparece no Conjuntivo pelo facto de transpor uma ideia de futuro. O mesmo sucede na frase (84), na oração subordinada “*mal saibais das coisas*” que remete-nos um acto eventual. A frase (85), tal como acontece na frase (82), ocorre o verbo *voltar* e a locução *até que*. No entanto, o verbo da oração subordinada aparece no Conjuntivo pelo facto de ele nos remeter para uma acção eventual, portanto, uma acção futura.

#### – O Conjuntivo nas orações adverbiais consecutivas

Nas orações consecutivas, as subordinadas são introduzidas por conjunções e locuções consecutivas (*de (tal) modo que, de (tal) maneira que, de (tal) sorte que, de (tal) forma que, de tal jeito que, tal que, tão... que, tanto... que*) que iniciam uma oração em que se indica a consequência daquilo que foi declarado na oração anterior. Exemplo:

(86) *Eu apresentarei bem os meus argumentos de (tal) modo que todos os **compreendam.***<sup>143</sup>

Tal como acontece nas orações temporais, os advérbios e as locuções que indicam a consequência de algo declarado na oração subordinante não se limitam apenas na regência com o Conjuntivo. Há casos em que o Conjuntivo só poderá ser empregue porquanto o advérbio ou a locução adverbial transporte um valor de finalidade ou probabilidade (a finalidade da boa

---

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> MKW.

apresentação dos argumentos é de todos a compreenderem). O emprego do Conjuntivo será desnecessário quando a oração principal referir uma realidade:

(87) *Eu apresento bem os meus argumentos de (tal) modo que todos **compreendem**.*<sup>144</sup>

Portanto, o valor de verdade transmitido pela oração principal “*apresento*”, frase (86) impõe o uso do modo Indicativo. Alias, partindo da citação feita por CUNHA e CINTRA (2010), apud DIAS, Epifânio, podemos chegar às considerações acima explanadas, pois DIAS refere que as orações consecutivas exprimem “simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade”<sup>145</sup>.

#### – O Conjuntivo nas orações adverbiais concessivas

Já nas concessivas, as orações subordinadas são introduzidas por conjunções e locuções concessivas (*embora, mesmo que, ainda que, se bem que, nem que, conquanto, posto que*) que têm a função de indicar um facto que poderia contrariar a realização da acção expressa na oração principal. Exemplo:

(88) *Embora ele não **coma** as nossas iguarias, nunca se dá mal quando aqui está.*<sup>146</sup>

(89) *Não podes passar por essa porta, nem que **saibas** os códigos.*<sup>147</sup>

(90) *Conquanto **tenhas** tanto dinheiro, não vais cativar a donzela.*<sup>148</sup>

(91) *Conheço muito bem o fulano, embora ele nunca me **tenha** dito nada.*<sup>149</sup>

(92) *Vamos trabalhar posto que só nos **falta** isso.*<sup>150</sup>

Como foi dito, o emprego do Conjuntivo nas orações concessivas só se dá quando se pretende contrariar a acção do verbo da oração subordinante. No caso da frase (92), porque a acção da frase principal não é contrariada, o verbo da oração subordinante ocorre no Indicativo.

Num outro desenvolvimento, o modo Conjuntivo é empregue nas orações subordinadas concessivas nos casos em que são introduzidas pelas locuções *por mais que, por muito que, por pouco que*:

(93) *A minha mulher já não me quer, por pouco que **chore**.*<sup>151</sup>

---

<sup>144</sup> Idem.

<sup>145</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.469.

<sup>146</sup> Nosso exemplo.

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> Idem.

(94) *Por mais mulheres que me **ofereçam**, não te vou deixar.*<sup>152</sup>

(95) *Por muito que **custem** essas calcinhas, não vou deixar de comprar.*<sup>153</sup>

Ainda nas orações concessivas o emprego do Conjuntivo dá-se quando ocorre repetição do mesmo verbo para expressar uma concessão absoluta, uma ausência total de condições. Para esses casos utiliza-se a fórmula: o presente do Conjuntivo + elemento de ligação + futuro do Conjuntivo, como se vê no exemplo:

(96) ***Seja** quem for, não abrirei a porta.*<sup>154</sup>

(97) ***Ouças** o que ouvires, não acredites no que dizem.*<sup>155</sup>

Na frase (96), pode-se entender que qualquer pessoa pode tocar à porta, seja conhecida ou não, mas em qualquer dos casos, não abrirei a porta. Portanto, há aqui uma ausência total de condição. Da mesma forma, emprega-se o modo Conjuntivo quando a oração é introduzida pela conjunção alternativa *quer... quer...* Para este caso, a fórmula utilizada é: quer + presente do Conjuntivo + quer + presente do Conjuntivo/advérbio de negação “não”.

Em termos semânticos, a frase exprime uma identidade entre duas alternativas que, no entanto, não afectam o resultado final, isso é, não impedem a concretização da acção expressa na oração principal, exemplo:

(98) *Quer faça sol quer chova, encontrarei um caminho.*<sup>156</sup>

(99) *Quer queiras quer não, vais ter de me ouvir.*<sup>157</sup>

As leituras que podemos fazer das frases acima são: frase (98), (eu) encontrarei um caminho mesmo que se avenge a possibilidade de chover. Na frase (99) entende-se que vais ter de me ouvir, de qualquer das formas, mesmo que não queiras.

#### – O Conjuntivo nas orações adverbiais causais

Nas orações causais, o modo Conjuntivo pode ser seleccionado pelas locuções causais *não que*, *não porque*, que introduzem a oração para negar a causa enunciada pela oração principal, tal como na frase:

---

<sup>151</sup> MKW.

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> Coimbra, 2000, p.34.

<sup>155</sup> MKW.

<sup>156</sup> Nosso exemplo.

<sup>157</sup> Idem.

(100) *Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **queira**, mas porque não tenho tempo.*<sup>158</sup>

Em frases negativas, como a (101), as causais podem seleccionar o Indicativo e ou o Conjuntivo, por exemplo:

(101) *Como não quiseram/**quisessem** ouvir-nos, fomo-nos embora.*<sup>159</sup>

#### – O Conjuntivo nas orações adverbiais comparativas

As frases comparativas são introduzidas ou iniciadas pela hipotética *como se*. Neste caso, “o efeito do Conjuntivo é o de aproximar de uma leitura contratual, exemplo:

(102) *As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem** golpeados.*<sup>160</sup>

### 2.5 Conjuntivo vs Indicativo

Neste subcapítulo, fazemos uma abordagem contrastiva entre o emprego do Conjuntivo e o do Indicativo. As referências que aqui trazemos adicionam-se a várias outras que trouxemos nos parágrafos anteriores e algumas outras a citar mais adiante.

Por ser consensual, para vários linguistas, que o Indicativo ocorre em oposição ao Conjuntivo, tencionamos nesta parte do trabalho reafirmar e apresentar exemplos elucidativos e sobretudo, trazer alguns aspectos peculiares que ocorrem em torno dos modos.

Para iniciarmos, podemos dizer que, no geral, o Conjuntivo estabelece, por oposição com o Indicativo, valores semânticos muito marcados, que distinguem frases como as que se seguem:

(103) *Procuro um livro que **fale** do 25 de Abril.*<sup>161</sup>

(104) *Procuro o livro que **fala** do 25 de Abril. (Indicativo)*<sup>162</sup>

Nas frases citadas, na (103), por exemplo, o emprego do verbo *falar* no Conjuntivo (*fale*) cria um significado não específico e indeterminado do pronome relativo (*que*), reforçado pelo artigo indefinido (*um*). Já na frase (104) o Indicativo, ao contrário do Conjuntivo, apresenta uma

<sup>158</sup> MKW.

<sup>159</sup> Mateus, 2003, p.265.

<sup>160</sup> Cunha e Cintra, 2010, p.469.

<sup>161</sup> Disponível no sítio: [http://www.infopedia.pt/\\$conjuntivo;jsessionid=+wNmrQCQ66kiGsK4pGknnw](http://www.infopedia.pt/$conjuntivo;jsessionid=+wNmrQCQ66kiGsK4pGknnw) [Consultado em 23-09-13].

<sup>162</sup> Idem.



referência nominal específica e determinada “o *livro*”, a par do uso confirmativo do artigo definido. Esta concepção vem confirmar a hipótese defendida por MATEUS, et al, (2003), ao referir que o modo Conjuntivo “introduz um certo grau de incerteza ou dúvida em contraste com as versões com o Indicativo.”<sup>163</sup>

Outra distinção destes dois modos ocorre com alguns verbos que, quando negados, seleccionam o Conjuntivo e, no caso contrário, usam-se no Indicativo: *achar, acreditar, crer, pensar, ter a certeza*.

(105) *Não acho que este vinho **seja** mau, mas acho que o outro **é** bem melhor.*<sup>164</sup>

(106) *Não acredito que o João **seja** assim. / Acredito que ele **é** honesto.*<sup>165</sup>

(107) *Não creio que **esteja** errado. / Creio que **são** três horas.*<sup>166</sup>

(108) *Não penso que ele **seja** mau de todo, mas penso que a sua companhia te **é** prejudicial.*<sup>167</sup>

(109) *Não tenho a certeza de que não **haja** políticos honestos, mas tenho a certeza de que **são** poucos.*<sup>168</sup>

Todavia, a distinção ou o contraste entre os modos Indicativo e Conjuntivo não passa simplesmente pelos casos descritos acima, é muito mais complexa pois é necessário tomar em conta que:

não existe correspondência unívoca entre os dois modos e distinções modais, pois a cada modo pode associar-se mais do que uma modalidade; as ocorrências dos diferentes modos nem sempre parecem ter uma relação directa com distintos tipos de modalidade, na medida em que o modo Conjuntivo, tradicionalmente associado ao domínio da incerteza, eventualidade ou dúvida, pode surgir em construções em que, pela sua natureza, esperaríamos o modo Indicativo e vice-versa.<sup>169</sup>

---

<sup>163</sup> Mateus, et al, 2003, p.2666.

<sup>164</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>165</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>166</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>167</sup> Idem.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> Mateus, et al, 2003, pp.257-258.

Os exemplos que se alistam abaixo podem elucidar claramente as constatações apresentadas acima:

(110) *A Ana lamenta que **estejas** doente.*<sup>170</sup>

(111) *Creio que **são** três horas.*<sup>171</sup>

Na frase (110), o verbo da oração principal *lamentar* denota um facto dado como certo, portanto uma asserção verdadeira o que pressuporia a selecção do Indicativo. No entanto, ocorre o Conjuntivo; na frase (111) o verbo *crer* da oração principal remete-nos para algo hipotético, de certa forma transmite incerteza e ou dúvida; podemos também dizer que o verbo se refere ao desejo pela realização de alguma coisa e tudo isso dá/daria azo para apuramento do Conjuntivo na subordinada. Contrariamente ao esperado, e correctamente, ocorre o Indicativo.

Esta realidade chama-nos a atenção para a necessidade de, antes, termos conhecimentos sólidos sobre o conceito e funcionamento dos modos e seu ajustamento com os respectivos contextos. A este propósito, MATEUS et al, (2003) afirmam que o uso do Conjuntivo “depende em grande medida do contexto linguístico, quer de ordem lexical quer de ordem sintáctica...”<sup>172</sup>

Portanto, na selecção do modo Conjuntivo, em contraposição ao Indicativo, é necessário considerarmos, para além dos factores citados, os seguintes:

- i) o significado do predicado da oração subordinante, o tempo e a negação;
- ii) se um dos modos é de emprego obrigatório, há que supor que existem vínculos semânticos entre o significado trazido pelo modo exigido e algum ou vários elementos presentes no predicado superior;
- iii) os predicados que induzem uma modalização volitiva<sup>173</sup> ou de ordem do seu complemento constroem-se obrigatoriamente com Conjuntivo;
- iv) sempre que o Conjuntivo é o modo seleccionado, pressupõe-se a verdade da proposição subordinada;
- v) os predicados de asserção negados ou afectados por interrogação constroem-se também com Conjuntivo;
- vi) todos estes predicados têm em comum o facto de nunca se asserir a verdade da subordinada; e

---

<sup>170</sup> Idem, p. 262.

<sup>171</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>172</sup> Mateus, et al, 2003, pp.258.

<sup>173</sup> “À vontade, ao desejo e à emotividade do falante, fazendo com que o evento, muitas vezes, se realize”, segundo SILVA, 2002, p. 58.

vii) os predicados que induzem uma modalização epistémica não-assertiva do complemento exigem igualmente Conjuntivo na subordinada, uma vez que, ou o sujeito da proposição modalizada, ou o protagonista da enunciação deixam de assegurar a verdade da proposição subordinada e esta é apresentada somente como [+/- provável] ou simplesmente possível. Deste modo o Conjuntivo é seleccionado por verbos que exprimem dúvida, incerteza, possibilidade e probabilidade.

## 2.6 Tempos do Conjuntivo

Este tópico tem como foco os tempos verbais do modo Conjuntivo. Todavia, é importante frisarmos, com o devido adiantamento que, por uma questão de delimitação do tema, as questões ligadas ao tempo verbal do modo Conjuntivo não são esgotadas com a descrição que aqui efectuamos. Procuramos fazer uma síntese de modo que tenhamos uma visão geral da ocorrência deste modo nos diferentes tempos verbais.

Os tempos do Conjuntivo são empregues para descrever uma acção/situação fora do plano real. Segundo MARQUES (2001), o modo Conjuntivo “apresenta seis tempos verbais, menos dois que o Indicativo, a saber, o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Mais-que-Perfeito Simples.”<sup>174</sup> Os principais tempos verbais do Conjuntivo são: o presente, o pretérito imperfeito e o futuro do Conjuntivo. Para a sua flexão, os tempos do Conjuntivo são codjuvados pelas conjunções *que* (para o presente), *se* (para o imperfeito) e *quando* (para o futuro).

### 2.6.1 Presente do Conjuntivo

Em termos práticos, segundo COSTA (2010), o **presente do Conjuntivo** “usa-se para apresentar hipóteses, probabilidades ou intenções a partir de um ponto de enunciação no presente.”<sup>175</sup>

(112) *O Pedro lamenta que **sofras** tanto.*<sup>176</sup>

(113) *O João quer que **digas** a verdade.*<sup>177</sup>

Em contraste com a alegação feita pelo linguista COSTA (2010), apesar de, por exemplo, na frase (112) o verbo da oração auxiliar se encontrar no presente do Conjuntivo, não exprime

---

<sup>174</sup> Marques, 2001, p.57.

<sup>175</sup> Costa, 2010, p.176.

<sup>176</sup> Marques, op cit., p.57.

<sup>177</sup> Ibidem.

literalmente e ou unicamente um tempo presente em que o ponto de enunciação, referência e do evento são simultâneos. Na concepção de MARQUES (2001) e dos linguistas Cunha e Cintra (1986) o tempo presente pode exprimir igualmente um tempo futuro. Observando as frases, em particular a (113) pode-se confirmar a nossa tese. MARQUES (2001), em análise da frase (113) alega que:

estamos perante uma situação, em que o ponto do evento é posterior ao ponto de enunciação e ao ponto de referência (S,R-E)<sup>178</sup>: "neste momento (S) o João quer (R) que digas (= venhas a dizer) a verdade (E)", situação essa que se projecta no tempo, o que faz com que consideremos E posterior a R. No momento da enunciação "agora" (S), ainda não se sabe se o evento se vai realizar ou não, o que remete essa realização para o campo hipotético, do futuro (S-R-E).<sup>179</sup>

## 2.6.2 Pretérito imperfeito do Conjuntivo

Já o **pretérito imperfeito do Conjuntivo**, na opinião de COSTA (2010), “usa-se para apresentar hipóteses, probabilidades ou intenções, colocando o ponto de ocorrência do evento no passado.”<sup>180</sup>

(114) *O Pedro lamentou que **sofresses** tanto.*<sup>181</sup>

(115) *O João queria que **trabalhasses** menos.*<sup>182</sup>

Em gesto de análise das frases acima citadas, MARQUES (2001) observa que:

Nestes exemplos o Tempo verbal da oração subordinada é o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, que em (114) tem o valor de passado, uma vez que o ponto do evento "sofrer tanto" (E) é anterior, ou simultâneo, ao ponto de referência "o Pedro lamentar" (R), que por sua vez é anterior ao ponto de enunciação. No entanto, em (115) temos acessíveis duas leituras:

---

<sup>178</sup> “A anterioridade e a posterioridade de um evento em relação ao Ponto de Enunciação ou ao Ponto de Referência, estão representadas com um travessão ( - ). A simultaneidade está representada através do uso de uma vírgula ( , )”, segundo Marques, 2001, p.58.

<sup>179</sup> Marques, 2001, p.57.

<sup>180</sup> Costa, 2010, p.176.

<sup>181</sup> Marques, 2001, p.58.

<sup>182</sup> Idem.

- a) uma primeira em que o Conjuntivo tem o valor temporal de futuro, propiciado pelo verbo volitivo "queria", e em que o Pretérito Imperfeito não funciona como um tempo do passado. Estas circunstâncias remetem a eventualidade "trabalhar" (E) para um tempo futuro, na medida em que esse desejo ainda não foi realizado, é uma hipótese que poderá vir a ser validada ou não. O Imperfeito aqui pode ser lido como estratégia de delicadeza, o que vem confirmar a possibilidade de uma leitura de futuro. Daí, o ponto do evento ser posterior ao ponto de referência, e ambos posteriores ao ponto de enunciação (S-R-E).
- b) numa segunda leitura o Pretérito Imperfeito transporta uma informação temporal de passado e a relação entre os diferentes pontos é dada por (R-E-S). De qualquer maneira mantém-se a futuridade de E em relação a S.<sup>183</sup>

Em outros desenvolvimentos podemos referir que o imperfeito se usa em contextos distintos: como passado tanto do presente do conjuntivo como do futuro do conjuntivo, o que é flagrante no discurso indirecto, mas que é válido sempre que nos encontramos numa situação transposta do presente para o passado:

(116) *Disse-lhe que quando **viesse** a Lisboa me telefonasse.*<sup>184</sup>

(117) *Ordenei-lhe que **entrasse**.*<sup>185</sup>

Outro caso típico do emprego do imperfeito do Conjuntivo como "passado do presente do conjuntivo" é "as recriminações" ou "ordens passadas", próprias da linguagem oral:

(118) ***Fizesses** o que te mandei e nada disto tinha acontecido!*<sup>186</sup>

(119) *Não **tivesses** deixado tudo para a última hora!*<sup>187</sup>

Em orações subordinadas introduzidas pela conjunção condicional *se*, o imperfeito do Conjuntivo contrasta com o futuro do Conjuntivo porque indica que a acção não só é puramente hipotética mas é irreal (contrária à realidade).

(120) *Se **pudesse** ter filhos, teria tido uma vida diferente.*<sup>188</sup>

(121) *Se ele **casasse** com a Margarida, seria muito mais feliz.*<sup>189</sup>

<sup>183</sup> Marques, 2001, p.58.

<sup>184</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Idem.

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> Idem.

Pode-se talvez analisar este caso também como o passado do se + futuro do conjuntivo, mas esse passado traduz-se em irrealidade que pode ser projectada para o futuro, exemplo (122) e (123). É obrigatório o uso do imperfeito do Conjuntivo se estiver a ser utilizado no contexto *como se*, exemplo (124) e (125). Por fim, o imperfeito é usado para descrever uma acção passada sobre a qual se fala no presente, exemplo (127).

(122) *Se fosse rica, não trabalharia.*<sup>190</sup>

(123) *Se ele tivesse estudado, não estaria agora na miséria.*<sup>191</sup>

(124) *Ele anda como se tivesse o rei na barriga.*<sup>192</sup>

(125) *Elas comportam-se como se ele simplesmente não estivesse na sala.*<sup>193</sup>

(126) *Duvido que ele dissesse tal coisa.*<sup>194</sup>

(127) *Tenho pena que ele fizesse isso.*<sup>195</sup>

### 2.6.3 Futuro do Conjuntivo

Já o **futuro do Conjuntivo** é usado “para apresentar hipóteses, probabilidades ou intenções, colocando o ponto de ocorrência do evento no futuro”<sup>196</sup> segundo COSTA (2010).

(128) *Quando o meu clube ganhar, pago-te um copo.*<sup>197</sup>

(129) *Quando te encontrarmos, devolvemos-te os originais.*<sup>198</sup>

(130) *Prestarei homenagem àqueles que derrubarem o regime.*<sup>199</sup>

Nas frases acima, encontramos, respectivamente, as formas verbais *ganhar* (verbo ganhar), *encontrarmos* (verbo encontrar) e *derrubarem* (verbo derrubar) todas elas conjugadas no tempo verbal Futuro Simples do Conjuntivo. Parafraseando MARQUES (2001), todos os verbos situam a eventualidade no tempo futuro, assinalando, na frase (129) a simultaneidade de R e E (S-R,E), mesmo que reconheçamos que essa sobreposição é parcial. Os linguistas KAMP e REYLE, (1993) apud MARQUES (2001) sustentam que, "no momento futuro em que te encontrarmos devolvemos-te os originais", ou, como acontece em (128) e (130) a posterioridade em relação a

---

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> Disponível no sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].

<sup>196</sup> Costa, 2010, p.176.

<sup>197</sup> Marques, 2001, p.58.

<sup>198</sup> Ibidem.

<sup>199</sup> Idem.

S e a anterioridade de R (marcado com o Futuro do Conjuntivo), em relação a E (marcado com o Presente ou o Futuro do Indicativo): (S-R-E).<sup>200</sup>

Apesar das frases acima não serem exemplos disso, segundo o site<sup>201</sup>, “de maneira geral, o futuro do Subjuntivo é acompanhado das seguintes conjunções e locuções que, com frequência, tornam seu uso obrigatório”: *à medida que, assim que, como, depois que, enquanto, logo que, quando, se e sempre que*.

## 2.7 Tempos Compostos (do Conjuntivo)

Para além de tempos simples (os mais frequentes), o modo Conjuntivo apresenta também outros três tempos verbais compostos: pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro.

### 2.7.1 Pretérito perfeito composto do Conjuntivo

O **pretérito perfeito composto do Conjuntivo** “pode exprimir uma eventualidade passada, concluída ou não, em que o evento é anterior ao ponto de enunciação e ao ponto de referência.”<sup>202</sup> Exactamente o que acontece na frase (131) onde o evento “cometer uma loucura” (E) anterior ao ponto de enunciação e ao ponto de referência “ele não crê” (E-R,S).

(131) *Ele não crê que **tenha cometido** tal loucura.*<sup>203</sup>

O pretérito perfeito composto pode também exprimir tempo futuro, exemplo, na frase (132) quando um evento passado “ter terminado” (E) é determinado em relação a um ponto de referência futuro “quando ela chegar” (R), ou seja, o evento é anterior ao ponto de referência, mas posterior ao ponto de enunciação (S-E-R).

(132) *Ela quer que **tenhas terminado** o trabalho quando chegar a casa.*<sup>204</sup>

---

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Disponível no site:

<http://www.laits.utexas.edu/clicabrazil/sites/laits.utexas.edu.clicabrazil/files/FUTURO%20%28SUBJUNTIVO%29.pdf> [Consultado em 28-010-13].

<sup>202</sup> Ibidem.

<sup>203</sup> Marques, 2001, p.59.

<sup>204</sup> Marques, 2001, p.59.

## 2.7.2 Pretérito mais-que-perfeito composto do Conjuntivo

O **pretérito mais-que-perfeito composto do Conjuntivo** onde “a anterioridade de um evento em relação a outro evento passado”.<sup>205</sup> Por exemplo, na frase (131), o ponto do evento "tivessem tirado" (E), é anterior ao ponto de referência "lamentou" (R) e ambos anteriores a (S): (E-R-S). Em (134), existe uma situação contrafactual: o ponto de referência "tivessem fechado" (R), é apresentado como anterior ao ponto do evento "ter a casa assaltada" (E) e ambos são anteriores ao ponto de enunciação (R- E-S).

(133) *O João lamentou que lhe **tivessem tirado** os óculos.*<sup>206</sup>

(134) *Se **tivessem fechado** as janelas, não teriam a casa assaltada.*<sup>207</sup>

## 2.7.3 Futuro composto do Conjuntivo

Selecciona-se o **futuro composto do Conjuntivo** quando “indica um evento futuro entendido como terminado em relação a outro evento futuro”.<sup>208</sup>

(135) *Quando **tiverem aprendido** a somar, verão que um e um não são três.*<sup>209</sup>

Na frase (135), o ponto do evento "ver" (E) é posterior ao ponto de referência "quando tiverem aprendido" (R) e ambos são posteriores ao ponto de enunciação, (S-R-E). “O futuro do subjuntivo composto forma-se com o verbo auxiliar “ter” no futuro do subjuntivo, seguido do participípio passado do verbo principal.”<sup>210</sup> Outros exemplos comprovativos são descritos abaixo:

(136) *Quando eu **tiver saudado**...*<sup>211</sup>

(137) *Quando vós **tiverdes sabido**...*<sup>212</sup>

(138) *Vou fugir quando vós **tiverdes dito** tudo o que sabeis.*<sup>213</sup>

(139) *Se **tivermos elegido** o melhor, ficaremos todos felizes.*<sup>214</sup>

(140) *Quando eu **tiver sido amado**...*<sup>215</sup>

---

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Marques, 2001, p.59.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> Disponível no sítio:

<http://www.laits.utexas.edu/clicabrasil/sites/laits.utexas.edu.clicabrasil/files/FUTURO%20%28SUBJUN TIVO%29.pdf> [Consultado em 28-09-13].

<sup>211</sup> Sardinha e Ramos, 2004, p.181.

<sup>212</sup> Idem, p.225.

<sup>213</sup> Nosso exemplo.

<sup>214</sup> Idem.

<sup>215</sup> Sardinha e Ramos (2004), p.157.



Em síntese, podemos referir, por um lado, que “o presente do conjuntivo pressupõe uma avaliação/acção associada à situação descrita nesse tempo; o futuro do conjuntivo representa uma acção ainda sem realização específica (sem localização temporal determinada, ou com um actor genérico, etc.); e o imperfeito do conjuntivo descreve essa acção como uma hipótese contrária aos factos, além de ser, primordialmente, a versão passada tanto do futuro como do presente do conjuntivo.”<sup>216</sup> Os tempos compostos, por outro lado, apenas adicionam ao sentido do tempo simples a informação de que a acção/situação é encarada como passada, ou seja, já completada, e não introduzem pois nenhum elemento adicional de sentido.<sup>217</sup>

---

<sup>216</sup> <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html> [Consultado em 10-10-13].

<sup>217</sup> Interpretação do sítio: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind>, [Consultado em 28-09-13].

## Capítulo III

### 3. Apresentação e Análise de Dados

Neste capítulo, fazemos a apresentação dos dados relativos ao comportamento dos falantes do português relativamente ao uso do modo Conjuntivo em suas construções frásicas. Portanto, de uma forma geral trazemos ao de cima matérias que comprovam algumas das hipóteses que levantamos na parte inicial deste trabalho.

Os dados que ora passamos a apresentar são resultado de um inquérito sociolinguístico realizado à falantes da cidade da Beira, sendo o grupo alvo alunos finalistas do segundo ciclo do secundário das escolas públicas e privadas desta parte de Moçambique. Outros pontos que mereceram a nossa atenção, neste tópico, são os programas curriculares da língua portuguesa vigentes no Ensino Secundário Geral moçambicano.

O inquérito sociolinguístico<sup>218</sup> realizado aos alunos apresenta quatro distintas partes: na primeira, procuramos colher dados dos informantes (importa realçar que o inquérito foi de carácter anónimo); a segunda parte traz questões relativas à noção ou concepção da expressão *modo Conjuntivo* e suas diversas formas de ocorrência; a terceira parte destinámos para o preenchimento de espaços lacunares em frases que remetem para o uso do modo Conjuntivo (aplicação prática); e, finalmente, a última parte reservámos para a produção de frases condicionadas ao uso do Conjuntivo. Em suma, procuramos através do inquérito compreender as várias interpretações, os conhecimentos e comportamentos que os alunos têm sobre a empregabilidade do modo Conjuntivo.

Como fizemos referência no capítulo introdutório, trabalhamos com uma amostra representativa de 502 falantes (alunos) de um universo de 5100 alunos finalistas do ensino secundário geral da província de Sofala, concretamente alunos da cidade da Beira. Dos inquiridos, 294 (59%) são do sexo feminino e os restantes 208 (41%) são do sexo masculino. As idades dos inquiridos variam entre 216 inquiridos com idades até 20 anos; 107 inquiridos com idades entre 21 a 30 anos; 101 inquiridos com idades entre 31 a 40 anos e 78 inquiridos têm mais de 40 anos de idade. Em termos percentuais as idades dos inquiridos variam, respectivamente, 43%, 21%, 20% e 16%. Portanto, a maior parte dos inquiridos são jovens com idades até vinte anos de idade.

---

<sup>218</sup> Ver apêndice.

Um dado relevante colhido dos nossos informantes tem a ver com a sua língua materna. Os dados indicam que 266 inquiridos (53%) têm o português como L1 e os restantes 83 informantes (16%) têm o Nda<sup>219</sup> como L1; 94 informantes (19%) têm o Cena<sup>220</sup>; 34 informantes (7%) têm a língua Chuabo<sup>221</sup>; 16 informantes (3%) têm o Xitsua<sup>222</sup>; 5 informantes (1%) têm a língua Nhungue<sup>223</sup>; e outros 4 informantes (1%) têm o Macua<sup>224</sup> como língua materna. Na generalidade, a língua portuguesa afigura-se como sendo a predominante nos falantes inquiridos.

Olhando directamente para as questões levantadas, importa-nos dizer que a nossa principal intenção foi aferir de forma clara e objectiva, por um lado, o conhecimento sobre o conceito do termo/expressão *modo Conjuntivo* que, a nosso ver, é capital para uso com propriedade em diversas situações (contextos linguísticos) e, por outro, procuramos confrontar os conhecimentos com a aplicação prática.

Para as respostas das perguntas abertas, por uma questão de síntese e para alguns casos, trazemos as ideias gerais de um conjunto de respostas. Para outras respostas apresentamos o seu conteúdo literal e, como tal, procuramos manter o texto original com todos os erros/desvios gramaticalidades e agramaticalidades, pois para as perguntas abertas, o nosso objectivo assenta sobre o conteúdo da frase e não no rigor gramatical de produção das frases.

Antes de apresentarmos os resultados da análise dos textos impõe-se a apresentação de algumas reflexões teóricas. Neste contexto consideramos interessante falar, ainda que pouco, do conceito do erro e de desvio em língua uma vez que é sobre estes termos que acenta a nossa análise.

É muito difícil falarmos e justificarmos a existência do erro linguístico quando igualmente falamos e atendemos os casos de variedades dentro de uma língua. Porém, não obstante, isso, por si só não exclui qualquer hipótese da existência do erro. O erro linguístico existe, e é caracterizado pelo desvio em relação à expectativa criada pelo uso (da norma-padrão). A língua

---

<sup>219</sup> Nda – Língua Nacional (Bantu) falada na (cidade da Beira) Província de Sofala.

<sup>220</sup> Cena – Língua Nacional (Bantu) falada na (cidade da Beira) Província de Sofala.

<sup>221</sup> Chuabo – Língua Nacional (Bantu) falada na Província de Zambézia.

<sup>222</sup> Xitsua – Língua Nacional (Bantu) falada na Província de Inhambane.

<sup>223</sup> Nhungue – Língua Nacional (Bantu) falada na Província de Tete.

<sup>224</sup> Macua – Língua Nacional (Bantu) falada na Província de Nampula.

portuguesa comporta oficialmente<sup>225</sup> duas variedades. No caso de Moçambique o erro ou desvio acontece em relação a norma da gramática portuguesa (PE) pois ela é que é a norma oficialmente veiculada em todos os sectores de actividade. Sobre o conceito de erro, STROUD e GONÇALVES (1997:11) apud CHUN, et al, (1982:537-547) descrevem-o como sendo ‘o uso de um item linguístico de forma que, de acordo com utentes fluentes da língua, indica aprendizagem com falhas ou incompleta’.<sup>226</sup> Todavia, é pertinente diferenciar os tipos de normas: a prescritiva da descritiva para não confundirmos o conceito de variedade padrão com o da norma. STROUD & GONÇALVES (1997:23), afirmam que:

Dois sentidos salientes de norma baseiam-se na distinção entre uma variedade padrão e o uso geral de uma língua. A norma da variedade padrão tem sempre um sentido prescritivo; é obrigatória para o uso oficial da língua. A norma de uso geral entre qualquer grupo de falante (adultos, instruídos, adolescentes, professores, classe média, residentes de uma certa área) pode, por diferentes razões, divergir da variedade padrão. Pode ser descrita em qualquer momento por meios linguísticos convencionais e é, assim, denotada como a norma descritiva.<sup>227</sup>

Na busca que fizemos sobre a aceção do *erro* chamou-nos a atenção a necessidade de não colocarmos de lado o factor variação (quando falarmos do erro linguístico) uma vez que a maioria dos falantes do português em Moçambique têm-na como língua segunda (LS). Sobre este propósito GONÇALVES (1996:48) defende a ideia de que “os desvios à norma europeia, que ocorrem no seu discurso, não podem ser analisados como “erros”, próprios da gramática provisória dos aprendizes de uma L2, mas sim como evidências sobre as características da (futura) variedade moçambicana do Português, ainda em fase de formação”. Nesta perspectiva, o erro é equiparado ao desvio tal como PERES e MÓIA (1995: 40-41) consideram “desvio e erro são sinónimos, tomando como referência a variante culta”<sup>228</sup>.

Para concluirmos esta nossa reflexão é fundamental fazermos uma breve confrontação entre os termos *erro* e *correcto* (linguisticamente). O *errado* é todo uso linguístico que não segue as normas impostas pela gramática, por um lado, e por outro, o *correcto* corresponde a todo uso linguístico que segue as normas da língua-padrão. Entre vários tipos de erros/desvios

---

<sup>225</sup> Quando falamos oficialmente queremos dizer variantes que estão institucionalizadas: PB – Português Brasileiro e PE – Português de Portugal.

<sup>226</sup> STROUD & GONÇALVES, p.21 1997.

<sup>227</sup> Idem, p.23.

<sup>228</sup> PERES e MÓIA, 1995.

linguísticos e expressões correctas vamos destacar neste estudo alguns casos que consideramos estarem relacionados com o emprego do Conjuntivo.

### 3.1 A Concepção do “Modo Conjuntivo”

Retornando ao inquérito, na primeira questão, procuramos aferir o conhecimento dos informantes sobre o conceito de modo Conjuntivo. Por conseguinte, na *questão 1.1*, interrogamos “o que entendes por modo Conjuntivo?”. Como dissemos antes, consideramos esta questão como fundamental para o correcto domínio e aplicação do modo. Na tabela abaixo podemos observar as tendências das respostas:

**Tabela 1 – Conceito de modo Conjuntivo**

Questão Número	Questão	Respostas					
		Respostas Certas		Sem Respostas		Respostas Erradas	
		Infor.	%	Infor.	%	Infor.	%
1.1	O que entendes por modo Conjuntivo?	56	11.2	364	72.5	82	16.3

Fonte: *Autor*

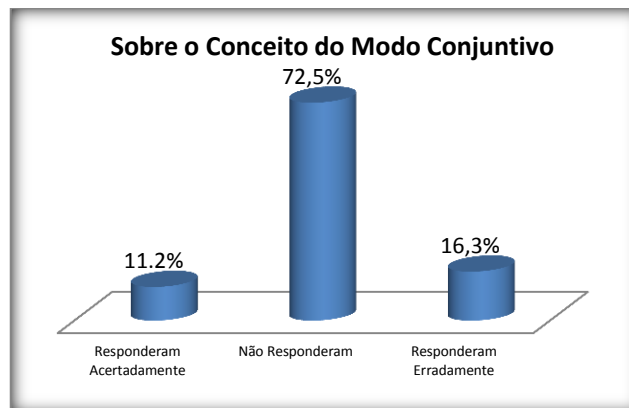
As respostas produzidas, de alguma forma, surpreenderam-nos, pois grande parte dos investigados demonstrou ter dificuldades em respondê-la correctamente, tal como atestam os resultados: dos 502 inquiridos, 364 alunos inquiridos (72.5%) não responderam à questão, optando por deixar em branco o espaço de resposta. Dos restantes 138 informantes (27.5%) responderam à questão. Seleccionamos aleatoriamente uma amostra de vinte frases que reflectem a produção escrita dos inquiridos:

- a. *É o modo verbal que não expressa certeza*
- b. *Modo conjuntivo é aquele que não expressa a verdade.*
- c. *É aquele através do qual se transmite incerteza, duvida ou desejo pela realização de alguma coisa.*
- d. *Eu entendo que o modo conjuntivo é o modo que exprime a accção (ainda) não realizada, hipotética ou irreal.*
- e. *O modo conjuntivo refere-se ao modo dos tempos verbais em que a accção se manifesta como suposição admissível.*
- f. *Modo conjuntivo é o verbo que não expressa certeza e si uma dúvida ou desejo.*

- g. *Modo conjuntivo é aquele que expressa um desejo, tem uma ordem auxiliar.*
- h. *É o modo verbal que exprime incerteza, dúvida ou desejo.*
- i. *Modo conjuntivo é uma forma de inglobar tudo que se encontra num determinado lugar.*
- j. *Modo conjuntivo é o modo que exprime a acção não realizada hipotética ou irreal.*
- k. *O modo conjuntivo é o modo que exprime a acção não realizada, hipotética ou desejo.*
- l. *Modo conjuntivo não expressa desejo ou dúvida ou certeza.*
- m. *É aquele que transmite incerteza ou desejo.*
- n. *É o modo que exprime uma acção hipotética ou real.*
- o. *Modo conjuntivo é aquele que exprime um desejo, uma ordem, conselho e que tem um verbo auxiliar para a complementar.*
- p. *Modo conjuntivo é aquele que expressa desejo, vontade a uma actividade a se realizar.*
- q. *No modo conjuntivo a frase referenciada exprime a existência de vários sujeitos a uma generalização.*
- r. *É o modo pelo qual nós juntamos frases aplicando correctamente os verbos.*
- s. *Modo conjuntivo que tem como o objectivo de exprimir as várias acções do sujeito.*
- t. *Modo conjuntivo é aquela que indica uma acção numa condição futura.*

Analisando as frases acima citadas, podemos observar que algumas delas revelaram fragilidades por parte dos informantes sobre o conhecimento semântico da expressão *modo Conjuntivo*. Por exemplo, nas frases b., e., g., l., n., o., q., r., s., e t., os nossos informantes dão conta ou demonstram uma clara dificuldade de compreensão do conceito. Isto quer dizer que, apesar de terem respondido à questão, o seu conteúdo está aquém do que realmente a expressão significa. O gráfico abaixo nos pode dar uma imagem geral das tendências:

**Gráfico 1 – Conceito de Modo Conjuntivo**



Fonte: Autor

Com o apoio do mapa constatamos que apenas 138 inquiridos (27,4%) responderam à questão. Deste número, 82 informantes (16.3%) responderam negativamente. Esta percentagem junta aos 72.5% que não responderam à questão, totalizam 88.8% que consideramos informantes com incapacidade de conceituar clara e objectivamente a expressão “modo Conjuntivo”. Em contrapartida, somente 56 informantes, portanto 11.2%, responderam a questão (relativamente) bem, tal como apontam as frases *a.*, *c.*, *d.*, *e.* entre outras. Consideramos algumas destas respostas certas em virtude de elas apontarem para alguns termos ou expressões que generalizam o conceito do modo Conjuntivo como o que refere CUNHA e CINTRA (2010) ao definir o modo Conjuntivo como o que “está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas” ou MATEUS, at al, (2003) que refere modo Conjuntivo ser “tradicionalmente associado ao domínio da incerteza, eventualidade ou dúvida”.

A segunda questão, 1.2., incidiu na frase: “Quando é que se aplica o modo Conjuntivo?”. Os resultados desta questão não foram distantes da anterior, pois de alguma forma elas complementam-se na medida em que conhecendo o conceito pode-se ter noção do emprego. Em termos numéricos, 419 inquiridos, (83.4%) não responderam a questão e os outros 83 informantes, (16.5%), responderam. A tabela a seguir mostra os resultados obtidos:

**Tabela 2 – Aplicação do modo Conjuntivo**

Questão Número	Questão	Respostas					
		Respostas Certas		Respostas Certas		Respostas Certas	
		Infor.	%	Infor.	%	Infor.	%
1.2	Quando é que se aplica o modo Conjuntivo?	29	5.8	419	83.4	54	10.8

Fonte: Autor

Dos poucos que responderam seleccionamos igualmente aleatoriamente a vinte inquiridos para onde extraímos as respostas:

- a. *Quando queremos explicitar os tempos que queremos fazer as coisas.*
- b. *O modo conjuntivo aplica-se quando queremos dar sentido a uma coisa.*
- c. *Quando temos um desejo, usamos o modo conjuntivo para se expressar.*
- d. *O modo conjuntivo se aplica quando a frase não tem ou não faz muito sentido, ou seja ele dá sentido a frase.*
- e. *Quando a acção não foi realizada.*

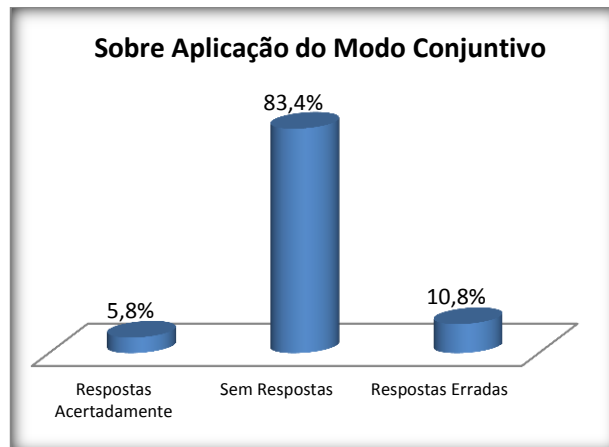
- f. *Quando estamos numa dúvida.*
- g. *Aplica-se o modo conjuntivo quando tudo ou todos vão participar da acção.*
- h. *Quando se duvida, ou quer expressar incerteza.*
- i. *O modo conjuntivo aplica-se quando há uma necessidade condicional futura com o auxílio dos pronomes “se” e “que”.*
- j. *Aplicamos o modo conjuntivo, quando queremos exprimir o sentido da frase quando há mais de dois sujeitos.*
- k. *O conjuntivo usa-se quando queremos emitir uma vontade ou duvidamos de algo.*
- l. *O modo conjuntivo aplica-se ao facto ou acção representada pelo verbo como duvidosa no pretérito imperfeito.*
- m. *Nos aplicamos o modo conjuntivo quando a acção tem a ver com os anseios do sujeito.*
- n. *Quanto há dúvidas.*
- o. *O modo conjuntivo aplica-se no contexto de exprimir o desejo.*
- p. *Quando numa frase duas orações sendo uma principal e subordinada.*
- q. *Aplica-se o modo conjuntivo quando uma pessoa não tem a certeza ou quando ta com dúvida.*
- r. *Aplicamos o modo conjuntivo, quando queremos exprimir um conhecimento de algo.*
- s. *O modo conjuntivo aplica-se quando o verbo da frase estiver no modo conjuntivo.*
- t. *Aplica-se nas orações subordinadas em que se pretende dizer um desejo.*

Observa-se nas frases seleccionadas, na sua maioria, respostas desadequadas no que diz respeito à aplicabilidade do modo Conjuntivo. Se recorrermos a algumas reflexões por nós avançadas neste trabalho podemos sintetizar, dizendo que a aplicação do modo Conjuntivo se dá, no geral, nas orações subordinadas; ele “ocorre obrigatoriamente em orações subordinadas em que o predicador da oração subordinante é: avaliativo; volitivo/optativo” ou “uma modalidade lexicalizada; de actividade mental cuja modalidade é possível ou contingente”, segundo MATEUS, et al, (1983). Ainda nesta senda, os alunos inquiridos poderiam referenciar, por exemplo, o argumento apresentado pelas autoras MATEUS, et al, (2003) de que “o modo Conjuntivo pode ocorrer em frases completivas, relativas, condicionais, temporais, concessivas e finais, nalguns casos obrigatoriamente e noutros opcionalmente”. Estas e outras reflexões vão ao encontro daquilo que poderíamos chamar de *empregabilidade do modo Conjuntivo*.

De forma geral, o gráfico que segue demonstra as principais tendências das respostas dadas sobre a *Questão 1.2.*:



## Gráfico 2 - Aplicação do modo Conjuntivo



Fonte: Autor

Da análise que fizemos às 83 respostas dadas, consideramos que apenas 29 informantes, que representam a 5.8% dos informantes, responderam acertadamente, tal são os casos das frases *f., h., i., k., l, m., n., o., q. e t.* As restantes frases, entendemos nós que elas estão distantes daquilo que pode ser uma resposta possível com relação à aplicabilidade do modo Conjuntivo. Em suma, nesta questão, 473 informantes, (94.2%) dos informantes, não responderam com sucesso e os escassos 5.8% dos inquiridos foram ao encontro do que se pretendia. Estes dados dão uma clara indicação da incapacidade dos alunos na utilização deste modo verbal nas suas construções frásicas.

Se examinarmos com atenção estas duas questões iniciais, vamos perceber que elas têm em comum elementos ligados à concepção dos falantes em relação à expressão *modo Conjuntivo*. Constatamos que há informantes (ainda que em número reduzido) que conseguem definir a expressão “modo Conjuntivo”. Porém o número daqueles que conseguem indicar os possíveis contextos de aplicação do modo é ainda menor (1/2).

Por tudo isso, concluímos que os alunos por nós inquiridos (a maioria) não dominam as questões ligadas à concepção do modo Conjuntivo nem têm em mente os seus variados contextos de aplicação, ou por outra, mesmo aqueles que a definiram correctamente não o fizeram com a devida segurança.

### 3.2 Dificuldades de Aplicação do Modo Conjuntivo

Na segunda fase do inquérito, procuramos conhecer o nível de dificuldade que os alunos enfrentam para a aplicação prática do modo verbal em estudo. Portanto, questionamos se “tens tido dificuldades em empregar (quer seja na oralidade ou na escrita) o modo Conjuntivo?”. Esta preocupação foi levantada com o intuito de aferirmos o grau de confiança do aluno em relação à produção escrita e/ou oral de texto em que constam verbos no modo Conjuntivo.

Para tal, propusemos três hipóteses de respostas: sim, não e algumas vezes. Os resultados podem ser observados na tabela que se segue:

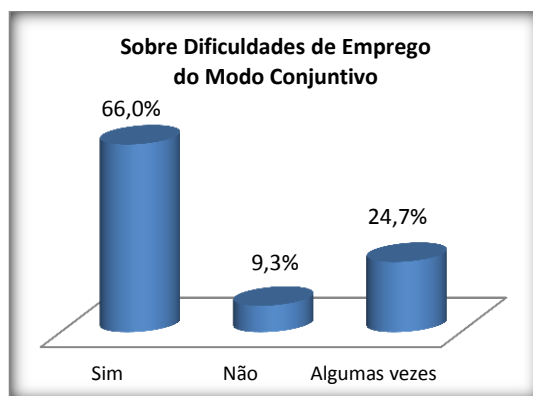
**Tabela 3 – Dificuldade do Uso do Modo Conjuntivo**

Questão Número	Questão	Respostas					
		Sim		Não		Algumas Vezes	
		Infor.	%	Infor.	%	Infor.	%
2.	Tens tido dificuldades em empregar (quer seja na oralidade ou na escrita) o modo Conjuntivo?	331	66.0	47	9.30	124	24.7

Fonte: Autor

Como dissemos, para a questão em análise, os inquiridos tinham três hipóteses de resposta. Os resultados dão indicação de que uma grande maioria dos informantes têm dificuldades em empregar o modo Conjuntivo. Como se observa na tabela 3, 66% dos inquiridos, que representam 331 informantes, afirmaram que têm dificuldades. Outros 24.7%, portanto, 124 alunos, disseram que têm tido algumas dificuldades. Juntando estes dois grupos de informantes, temos um total de 455 informantes, ou seja 90.7%. Assim, apenas 9.3% dos informantes afirma categoricamente ter domínio sobre o emprego do modo Conjuntivo. Estes dados podem ser igualmente confrontados no seguinte gráfico:

### Gráfico 3 – Sobre Dificuldades de Emprego do Modo Conjuntivo



Fonte: Autor

O gráfico supra ilustra claramente a desigualdade quantitativa entre os falantes que afirmam ter dificuldades e aqueles que não têm dificuldades. Estes dados, conjugados com os anteriores referentes à conceituação do modo Conjuntivo e ao conhecimento da empregabilidade do mesmo modo, levam-nos a uma primeira conclusão: de facto, há um enorme vazio de conhecimento científico-gramatical sobre o modo verbal em causa, pois os dados são claramente elucidativos.

Na *questão 3.*, procuramos identificar as possíveis causas que justificam o défice de conhecimento e na aplicabilidade do modo Conjuntivo. Nesse sentido, a questão foi direccionada apenas aos informantes que optaram, na questão anterior, por escolher as hipóteses “sim” e “algumas vezes”. Para tal, os inquiridos tinham de escolher uma de quatro opções: “não dominas a matéria ligada ao modo Conjuntivo”; “as explicações em sala de aula não são totalmente compreensíveis”; “não tens necessidade de aplicar verbos no modo Conjuntivo” e “outra” (para esta última opção, o inquirido deveria especificar a razão).

A *tabela 4*, dá indicação dos resultados:

**Tabela 4 – Factores que Condicionam as Dificuldades de Emprego do Modo Conjuntivo**

Questão Número	Questão	Opções							
		3.1		3.2		3.3		3.4	
		Infor.	%	Infor.	%	Infor.	%	Infor.	%
3.	Se (no número 2.) marcaste “sim” ou “algumas vezes”, diz porquê:	256	51.0	129	29.6	59	11.7	18	3.50

Fonte: Autor

Das hipóteses avançadas, a 3.1 referente à falta de domínio de conteúdos relacionados com o modo Conjuntivo foi a mais evidenciada entre as demais, tanto que os informantes, em número de 256, que corresponde a 51.0%, escolheram esta opção. Os outros 129 inquiridos, 29.6%, afirmaram, ao escolherem a opção 3.2, que o problema tem origem na explicação em sala de aula, pelo facto dos conteúdos não serem suficientemente abordados, de modo a garantir a compreensão cabal dos mesmos.

A terceira hipótese avançada (opção 3.3) - “não tens necessidade de elaborar frases utilizando o modo Conjuntivo” - obteve uma pequena percentagem por parte dos inquiridos. Os resultados indicaram que 18 dos informantes, que correspondem a 11.7%, escolheram esta opção, o que, no nosso entender, significa que, ou os falantes não aplicam o modo Conjuntivo, porque não têm o domínio sobre o conteúdo, ou aplicam-no sem terem consciência disso (pela gramática intuitiva) ou até mesmo não o aplicam, devido a essa lacuna e, em alternativa, seleccionam o modo Indicativo.

A quarta e última opção oferecia a possibilidade dos informantes indicarem uma outra possível causa que não estivesse listada no inquérito. Os dados indicaram que 18 informantes escolheram esta hipótese. Fazendo uma análise das respostas dadas constatamos que uma grande maioria delas não se ajustam com a questão levantada, pois muitas delas remetem-nos para uma interpretação vaga. Contudo, destacamos as frases que consideramos compreensíveis:

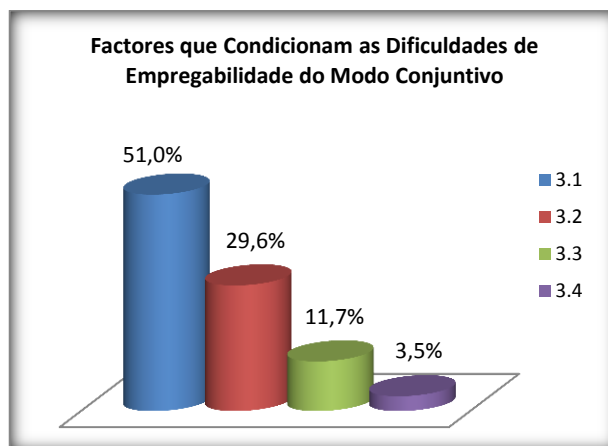
- a. *Por motivo de não usar mentalmente a língua Portuguesa em particular não si interessar com os modos verbais.*
- b. *Porque talvez não tenho me interessado.*
- c. *Por não prestar bem atenção*
- d. *Por gazetar<sup>229</sup> muito as aulas de português*
- e. *Fala muito pouco português então não entendo essas complicações.*

Tentando ainda estudar todos esses factores em torno da incapacidade de aplicação do modo Conjuntivo, temos o *gráfico 4* que ilustra claramente a tendência de resposta em relação à questão em causa.

---

<sup>229</sup> Faltar às aulas.

#### Gráfico 4 – Factores que Condicionam as Dificuldades de Emprego do Modo Conjuntivo



Fonte: Autor

#### Legenda:

- 3.1 – não dominas a matéria ligada ao modo Conjuntivo.
- 3.2 – as explicações em sala de aula não são totalmente compreensíveis
- 3.3 – não tens necessidade de aplicar verbos no modo Conjuntivo.
- 3.4 – outra.

Com estas informações podemos facilmente concluir que os estudantes têm dificuldades em empregar o modo Conjuntivo pelo fracasso no âmbito da consolidação dos conteúdos ou por outra, não dominam conteúdos ligados à conjugação de verbos no modo Conjuntivo. Ainda que as percentagens sejam relativamente baixas, os outros factos levantados não são menos importantes quando se pretende compreender o nó da questão. Por exemplo, há muitos alunos, 29.6% dos informantes, que têm dificuldades de emprego do Conjuntivo pelo facto de não compreenderem as explicações do professor em sala de aula.

Um dado que chamou a nossa atenção tem a ver com o facto de um grande número de informantes que optou por escolher “outra” como opções referiu que não domina a matéria porque tem estado ausente na sala de aula (frequentemente designado por *gazetas*). Este comportamento, mais que os outros prejudica de grande modo o próprio estudante porquanto este não terá a possibilidade de aprender ao mesmo nível que os demais colegas.

### 3.3 Actividades Práticas de Emprego do Conjuntivo

Na terceira parte do inquérito reservamos para exercícios práticos de aplicação do modo Conjuntivo. Para materializar esse intento propusemos um conjunto de frases (quinze) com espaços lacunares que sugerem a utilização do modo Conjuntivo nas suas diversas formas e tempos verbais. Os verbos a utilizar estão todos devidamente indicados entre parênteses, no final de cada frase. Por uma questão de síntese, não apresentamos todas as frases produzidas pelos alunos. Tal como aconteceu com os números anteriores, optamos por seleccionar aleatoriamente cinco (5) frases que reflectem a produção escrita.

**Tabela 5 – Resumo da frequência das ocorrências e respectivas percentagens de usos correctos e desvios de Conjuntivo nas diferentes frases não autónomas.**

Número de Frase	Total de Ocorrências	Desvios	Ocorrências Correctas
4.1	491 97.8%	312 63.5%	179 36.5%
4.2	443 88.2%	298 67.3%	145 32.7%
4.3	501 99.8%	302 60.3%	199 39.7%
4.4	496 98.8%	11 2.2%	485 97.8%
4.5	502 100%	492 98.1%	10 1.9%
4.6	403 80.3%	221 54.8%	182 45.2%
4.7	499 99.4%	289 57.9%	210 42.1%
4.8	502 100%	465 92.6%	37 7.4%
4.9	502 100%	6 1.2%	496 98.8%
4.10	500 99.6%	302 60.4%	198 39.6%

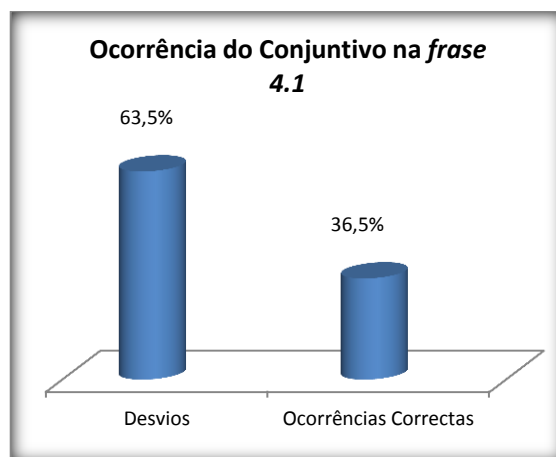
Fonte: Autor

Iniciamos (*frase 4.1*) por propor uma frase absoluta em que o verbo da frase é precedido pelo advérbio *oxalá*: “*Oxalá \_\_\_\_\_ felizes!*”. Abaixo apresentamos cinco frases-respostas produzidas por nossos informantes:

- a. Oxalá **seremos** felizes!
- b. Oxalá **sejam** felizes!
- c. Oxalá **que seja** felizes!
- d. Oxalá **somos** felizes!
- e. Oxalá **que sejas** felizes!

Nas frases acima extraídas no conjunto das várias frases notamos que alguns dos verbos estão conjugados nos modos Indicativo e Conjuntivo. As frases em que os verbos encontram-se no Indicativo tal são os casos das alíneas *a.* e *d.*, respectivamente, “Oxalá **seremos** felizes!” e “Oxalá **somos** felizes!” pois em frases optativas ou exclamativas introduzidas pelo advérbio “oxalá” que semanticamente expressam ou manifestam um desejo, uma vontade ou anseio de que algo suceda exigem, inevitavelmente, um verbo no Conjuntivo. Nesses casos o advérbio “oxalá” ocorre nos tempos presente e passado (pretérito imperfeito, perfeito e o mais-que-perfeito). Portanto, as formas aceites segundo as descrições feitas pelos inquiridos encontram nas frases *b.*, *c.* e *e.*, respectivamente, “Oxalá **sejam** felizes”, “Oxalá **que seja** felizes!” e “Oxalá **que sejas** felizes!” onde os verbos das frases se encontram no presente do Conjuntivo exprimindo um desejo presente que se projecta para a posteridade. Todavia, para as frases *c.*: “Oxalá **que seja** felizes!” e *e.*: “Oxalá **que sejas** felizes!” que também se encontram no presente do Conjuntivo não as entendemos como completamente correctas pelas discordâncias verbal (divergência na flexão – singular/plural) como aponta o sublinhado. Em termos percentuais, as frequências indicaram os seguintes resultados:

**Gráfico 5 - Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frase 4.1**



Fonte: Autor

O gráfico acima ilustra com clareza a propensão das realizações correctas e desviantes com relação à frase 4.1. Portanto, dos 502 informantes para esta questão responderam apenas 491 informantes que representam 97.8%. Outros 2.2% abstiveram-se.

Da análise que fizemos, concluímos que do total dos que cooperaram, 312 inquiridos não corresponderam em relação à colocação correcta do modo verbal. Apenas 36.5%, portanto, 179 informantes apresentaram correctamente o seu verbo.

Esta tendência manteve-se na frase 4.2 em que propusemos: “Talvez \_\_\_\_\_ bom dormir agora.” Para esta frase sugerimos o preenchimento do espaço lacunar com o verbo *Ser*. As respostas dos nossos inqueridos variaram tal como se observa nas frases abaixo:

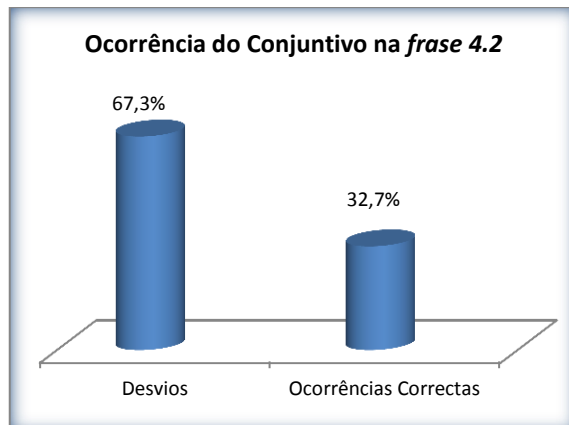
- a. Talvez **fosse** bom dormir agora.
- b. Talvez **seja** bom dormir agora.
- c. Talvez **serem** bom dormir agora.
- d. Talvez **será** bom dormir agora.
- e. Talvez **seria** bom dormir agora.

Como dissemos na análise da frase 4.1, quando o advérbio que introduz a frase absoluta remete-nos para um desejo tornando a frase optativa, impõe-se a selecção do Conjuntivo. Nas frases acima, por exemplo, notamos que alguns verbos não foram devidamente apurados tomando em conta as considerações que fizemos sobre esse tipo de frase.

De concreto, nas frases c., d. e e., os verbos estão conjugados respectivamente no Infinitivo pessoal, futuro do presente do Indicativo e futuro do pretérito do Indicativo, contrariamente ao recomendado (no Conjuntivo), já que a frase refere algo hipotético com ideia de futuro. Apenas as frases a. e b. dão conta do requisito gramatical. No conjunto das ocorrências apuramos os seguintes resultados:



### Gráfico 5 - Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frase 4.2



Fonte: Autor

Para esta questão, dos 443 informantes, apenas 145, equivalente a 32.7% responderam a esta questão com sucesso. Os restantes 298 informantes cometeram erros/desvios gramaticais. Para esta questão chamou-nos atenção a baixa que teve em relação ao número de respondentes da frase 4.1 pois ambas as frases comportam as mesmas características, contudo, notamos um certo “afogamento” dos informantes.

Nas duas frases seguintes, a frase 4.3 e 4.4, respectivamente, “*Vou a um supermercado que \_\_\_\_\_ perto de casa.*” e “*Vou ao supermercado que \_\_\_\_\_ perto de casa.*” sugerimos o verbo *ficar*. Procuramos nestas frases compreender a capacidade dos informantes em distinguir os contextos propensos para a colocação do verbo no Conjuntivo em orações relativas com um antecedente (na oração principal) substantivo acompanhado por artigo (definido e indefinido). As frases abaixo ilustram o comportamento dos inqueridos face a questão:

- a. *Vou a um supermercado que **fica** perto de casa.*
- b. *Vou a um supermercado que **ficava** perto de casa.*
- c. *Vou a um supermercado que **fique** perto de casa.*
- d. *\*Vou a um supermercado que **ficaria** perto de casa.*
- e. *Vou a um supermercado que **talvez fique** perto de casa.*

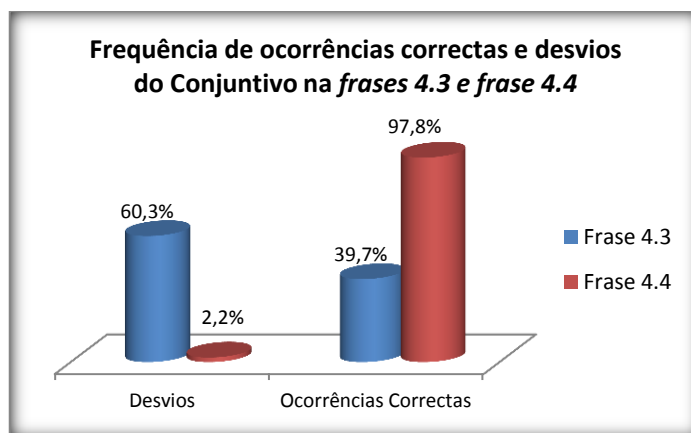
O relato que fizemos dá conta de um elevado número de informantes que optaram erradamente pelos verbos no modo Indicativo (*fica, ficava*) e Condicional (*ficaria*) em detrimento do Conjuntivo como se constata, por exemplo, nas frases a., b. e d.

Quando a oração principal tem um sujeito com antecedente indefinido ou indeterminado presume a falta de confirmação da existência da entidade referida ou, no mínimo, ficamos sem saber identificá-lo. Este pressuposto impõe o emprego do modo Conjuntivo na oração subordinada relativa. Em contrapartida, na frase 4.4 “*Vou ao supermercado que \_\_\_\_\_ perto de casa.*” os alunos auscultados demonstraram domínio na colocação do verbo na frase sugerida. Como se pode ver, nas frases a. a d. extraídas nos inquéritos, os verbos das orações subordinadas foram perfeitamente aplicados (modo Indicativo) sendo que, o emprego do Conjuntivo (frase e.) ser agramatical, tal como podemos constatar nas frases:

- a. *Vou ao supermercado que **fica** perto de casa.*
- b. *Vou ao supermercado que **ficava** perto de casa.*
- c. *Vou ao supermercado que **ficaria** perto de casa.*
- d. *Vou ao supermercado que **situa-se** perto de casa.*
- e. *\*Vou ao supermercado que **fique** perto de casa.*

O gráfico abaixo indica as tendências de erros e desvios na aplicação do Conjuntivo nas frases 4.3 e 4.4.:

**Gráfico 5 - Frequência de ocorrências correctas e desvios (frases 4.3 e 4.4)**



Fonte: Autor

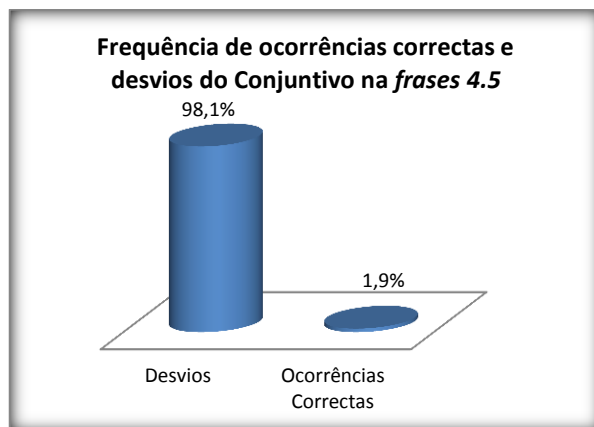
Na frase 4.3, grosso número dos informantes, 60.3%, propôs erradamente verbos conjugados no Indicativo e na frase 4.4 em que o correcto é empregar o Indicativo, os nossos informantes, na sua maioria em 97.8% foram felizes. Concluimos assim que há uma enorme facilidade de empregar Indicativo em detrimento do Conjuntivo.

Na frase 4.5 “*É uma pena que tu não \_\_\_\_\_ vir connosco ao cinema.*” propusemos o verbo *poder*. As frases abaixo ilustram o resultado do inquérito que realizamos aos alunos finalistas do segundo ciclo do secundário.

- a. *\*É uma pena que tu não **podes** vir connosco ao cinema.*
- b. *\*É uma pena que tu não **pode** vir connosco ao cinema.*
- c. *\*É uma pena que tu não **poderas** vir connosco ao cinema.*
- d. *\*É uma pena que tu não **podesses** vir connosco ao cinema.*
- e. *\*É uma pena que tu não **pudeste** vir connosco ao cinema.*

Os exemplos que trazemos dão conta dos erros cometidos pelos alunos ao preencherem a frase proposta. Para que a frase seja gramatical, o verbo da oração subordinada deve estar necessariamente conjugado no Conjuntivo considerando que no caso de frases em que na oração principal contem uma **expressão impessoal** impõem o emprego do Conjuntivo na oração subordinada completiva. Portanto, o correcto seria: “*É uma pena que tu não **possas** vir connosco ao cinema.*” O gráfico abaixo demonstra as tendências:

**Gráfico 6 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.5**



Fonte: Autor

Para a frase em questão chamou-nos atenção um dado: o facto de todos os informantes terem respondido a esta frase contrariando a tendência das restantes questões. Todavia, dos 502 alunos, 492 informantes, 98.1%, cometeram desvios à norma da língua portuguesa (PE). Somente 1.9% dos informantes propuseram acertadamente verbos no Conjuntivo. Notamos nas frases o emprego arbitrário do verbo colocando assim em discordância verbal entre a oração

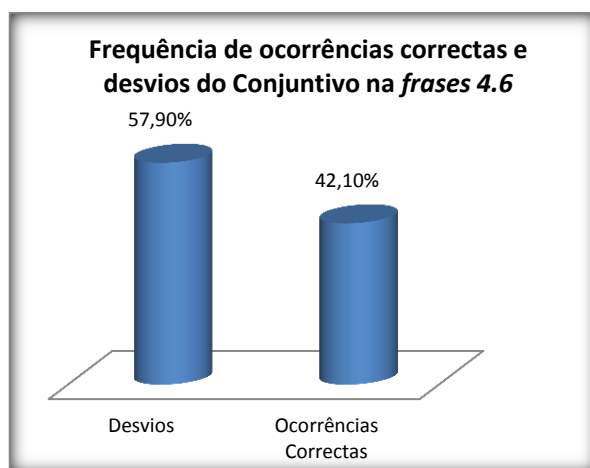
principal e a dependente. Por exemplo, o verbo da frase subordinada deve concordar em tempo e número em relação à oração principal.

Já na frase 4.6: “Em todo o caso, gostava que me \_\_\_\_\_ um amigo.” Sugerimos o verbo *considerar* para preencher o espaço lacunar.

- a. \*Em todo o caso, gostava que me **consideraria** um amigo.
- b. \*Em todo o caso, gostava que me **considerarem** um amigo.
- c. Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
- d. \*Em todo o caso, gostava que me **considera-se** um amigo.
- e. \*Em todo o caso, gostava que me **considere** um amigo.

Nos casos em que as orações dependem de verbos que exprimem desejo e ou ordem tal como o verbo *gostava* (conduz a oração principal a exprimir uma vontade) pressupondo o emprego do Conjuntivo na subordinante. Neste caso, usa-se o imperfeito do Conjuntivo para exprimir a irrealidade da situação considerada, isto é, para indicar que o locutor fala de uma possibilidade que acha pouco provável ou mesmo imaginária. Das frases propostas, a frase c. é a única que se apresenta correctamente; a frase d. apresenta um erro de ortografia pois acreditamos que o informante pretendia escrever “considerasse”. Alias, a questão da ortografia para a produção do Conjuntivo é um erro muito recorrente nos inquiridos que trabalhamos. A par deste, encontramos \*“considerace”. Portanto, esse erro não só o encontramos nesta palavra, como também se dá em muitas outras tentativas de conjugação do modo Conjuntivo. Percentualmente, o gráfico abaixo dá conta das ocorrências:

**Gráfico 7 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.6**



Fonte: Autor

Como se vê, a percentagem de erros é maior pois grande parte dos informantes tem enormes dificuldades em identificar os verbos que condizem com os restantes elementos das frases sugeridas. Portanto, a maioria dos informantes apresentam propostas sem qualquer tipo de consideração das regras de regência.

Propusemos igualmente uma frase (*frase 4.7*) em que o Conjuntivo ocorre na oração condicional pela locução *sem que*. A frase proposta foi: “*Não devolvo os bens, sem que o Tribunal \_\_\_\_\_ tudo.*”. Parte das frases-resposta seguem:

- a. \**Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **decidir** tudo.*
- b. \**Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **decid** tudo.*
- c. \**Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **desside** tudo.*
- d. \**Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **decidi** tudo.*
- e. *Não devolvo os bens, sem que o Tribunal **decida** tudo.*

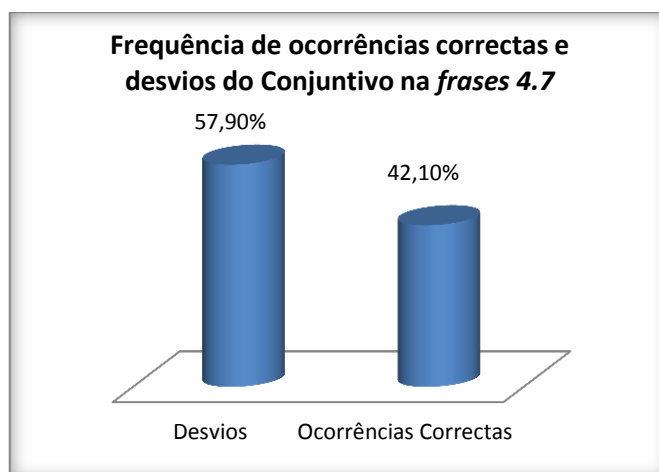
Notamos através dos extratos dificuldades de escrita (erros ortográfico): *decid* e *desside*. Outrossim, constatamos, a par das outras questões, que há uma forte tendência pra aplicar o verbo no modo Indicativo em “prejuízo” do Conjuntivo. No geral, nos casos em que a oração subordinada é introduzida por conjunção ou locução adverbial<sup>230</sup> que expressam uma hipótese ou condição expressa na subordinada, o verbo da frase dependente deve estar necessariamente no Conjuntivo. Na frase proposta, a oração subordinada é introduzida por uma locução adverbial condicional para indicar uma condição de que depende a acção expressa na oração principal (não devolução). Portanto, o correcto seria empregar o verbo *decidir* no tempo presente do Conjuntivo: *decida*.

A colocação do Conjuntivo não só pode ser justificada pelo que foi dito acima mas também pelo facto de, em relação ao tempo, o Conjuntivo, ter uma interpretação relativamente diferente do Indicativo. O tempo presente e o futuro, no Conjuntivo, semanticamente referem a uma situação que ainda não se confirmou, mas é vista como provável, o que acontece na frase descrita acima.

---

<sup>230</sup> Cf. pág. 26.

### Gráfico 8 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.7



Fonte: Autor

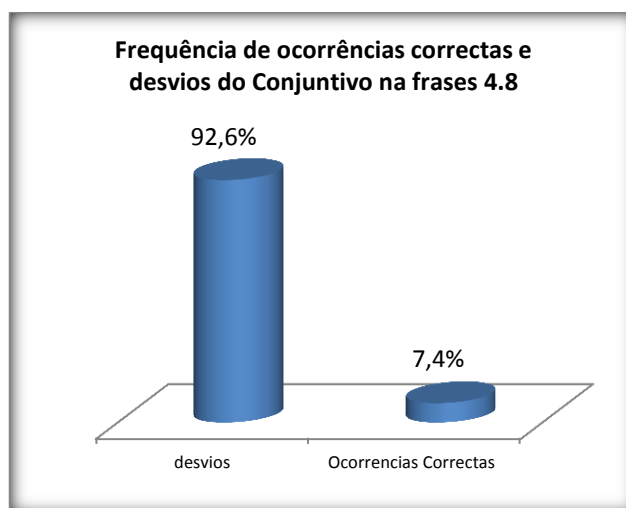
Encontramos nesta questão a mesma tendência das anteriores: a ocorrência de erros na colocação de verbos no modo Conjuntivo. Apesar de existir uma percentagem considerável de ocorrências correctas, ainda assim não é satisfatório atendendo a que não são todos os que respondem às questões.

A frase 4.8 “*Não posso ir contigo ao cinema: não porque não \_\_\_\_\_, mas porque não tenho tempo.*” Foi também proposta neste conjunto de frases. Para o espaço vazio propusemos o verbo *querer*. As respostas tomaram as seguintes tendências:

- Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **quero**, mas porque não tenho tempo.*
- Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **queira**, mas porque não tenho tempo.*
- \*Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **queria**, mas porque não tenho tempo.*
- \*Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **quezer**, mas porque não tenho tempo.*
- Não posso ir contigo ao cinema: não porque não **queiro**, mas porque não tenho tempo.*

Para a frase proposta o correcto é aplicar o verbo *querer* no tempo presente do Conjuntivo: *queira* pois nas orações adverbiais (causais) introduzidas pelas locuções *não que* ou *não porque*, o verbo da oração deve seleccionar o conjuntivo.

**Gráfico 9 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.8**



Fonte: Autor

Nesta questão, 92.6% dos informantes errou na resposta ao propor o verbo no modo Indicativo como os das frases *a.*, *c.*, *d.* e *e.* A agramaticalidade dessas frases nota-se não somente no emprego do Indicativo mais também na discordância verbal de tempo entre os verbos das orações subordinante e subordinada. Menos que 10% dos nossos informantes é que conjugaram correctamente o verbo da frase.

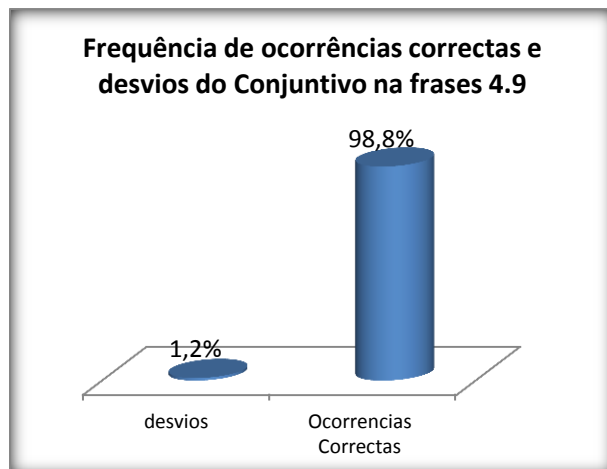
Na questão seguinte, frase 4.9, apresentamos a frase: “Quando eu \_\_\_\_\_, compro-te um presente.” e sugerimos o verbo *viajar*. Em resposta, os inquiridos completaram a frase com as seguintes propostas:

- a. Quando eu **viajar**, compro-te um presente.
- b. Quando eu **viajasse**, compro-te um presente.

Contrariamente às frases anteriores, estas apresentam poucas variações na colocação do verbo no espaço lacunar. Os informantes sugeriram as formas verbais *viajar* e *viajasse*. Contudo, apenas na primeira é que o verbo está devidamente aplicado. A aplicação da forma verbal *viajasse* é incorrecta pelo facto da frase dependente expressar uma acção que ainda vai decorrer, não como o que o verbo no pretérito imperfeito do Conjuntivo expressa: uma acção que poderia ter sido feita mas não foi realizada. Portanto, como dissemos, o correcto é seleccionar o futuro do Conjuntivo: *viajar* tal como acontece na frase *a.* em que a oração dependente expressa uma acção (*de viajar*) que, se ocorrer, condiciona a acção citada na oração principal. O futuro do Conjuntivo é um tempo verbal que apresenta uma acção futura

como possível ou hipotética. Normalmente é introduzida pelas conjunções e ou locuções: *quando, se, assim que e logo que* e os pronomes: *quem, que e onde*.

#### Gráfico 10 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.9



Fonte: Autor

Neste caso, contrariamente aos demais, os estudantes, na sua maioria acertaram. 98.8% dos informantes apresentaram correctamente o forma verbal no futuro do Conjuntivo. Os poucos casos de erro ocorreram naqueles que apresentaram o verbo no pretérito imperfeito do Conjuntivo. Não conseguimos compreender se o sucesso é resultante de compreensão do processo ou foi mero acaso.

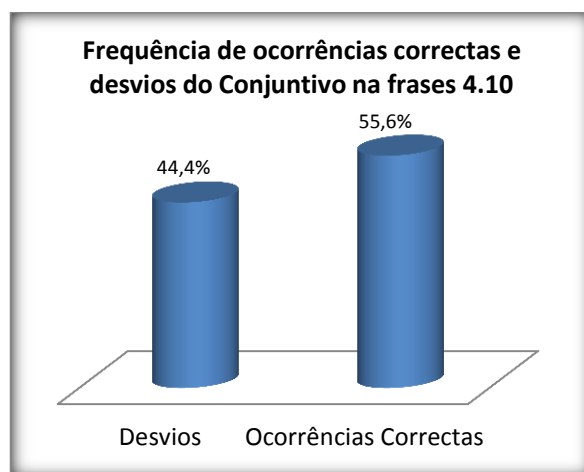
As últimas propostas que levamos aos nossos informantes concernentes ao preenchimento de espaços lacunares têm a ver com o emprego do Conjuntivo na forma composta. Para tal sugerimos na frase 4.10 “Se \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ as janelas, não teriam a casa assaltada.”. Sugerimos os verbos *ter* e *fechar*. Parte das respostas constam das frases a seguir:

- a. Se **tivessem fechadas** as janelas, não teriam a casa assaltada.
- b. Se **tiver fechadas** as janelas, não teriam a casa assaltada.
- c. Se **tivesse fechado** as janelas, não teriam a casa assaltada.
- d. Se **tivessem fechado** as janelas, não teriam a casa assaltada.
- e. Se **fechasse** as janelas, não teriam a casa assaltada.

O gráfico abaixo ilustra a tendência em relação ao preenchimento dos espaços lacunares:



### Gráfico 11 – Frequência de ocorrências correctas e desvios do Conjuntivo na frases 4.10



Fonte: Autor

Da análise que fizemos concluímos que dos 500 alunos que responderam a esta questão, 44.4%, um total 222 informantes não responderam como manda a regra e mais de 55.6% dos informantes acertaram. Para o caso em estudo, o correcto seria indicar o pretérito mais-que-perfeito composto. Neste caso, por um lado, o emissor lamenta que determinada acção ou facto não se tenha concretizado, ou seja, expressa o desejo de que a situação inversa tivesse ocorrido, por outro, acções passadas anteriores a outras também passadas. Portanto, a forma composta do Conjuntivo é formada pelo verbo auxiliar *ter* (imperfecto do conjuntivo) + participio passado: *tivessem fechado*, respectivamente. Nas frases que colectamos que marcam as realizações das tendências dos informantes encontramos apenas a *frase d.* correctamente elaborada. A frase *a.*, apesar de apresentar coincidências em termos de conjugação verbal, não é gramaticalmente correcta por ocorrerem problemas de concordância em género entre as orações. As restantes frases, no caso das frases *b.* e *c.*

Já no quinto exercício, propusemos o preenchimento dos espaços lacunares com verbos à escolha dos informantes, de acordo com a indicação feita. O objectivo deste exercício foi perceber a capacidade de conhecimento das formas flexionais do Indicativo e do Conjuntivo. A tabela abaixo alude aos resultados apurados.

**Tabela 6 – Preenchimento dos espaços lacunares com verbos a escolha dos informantes de acordo com a indicação feita**

Número de Frase	Total de Ocorrências	Desvios	Ocorrências Correctas
5.1	501 98.8%	8 1.6%	493 98.4%
5.2	413 82.3%	412 99.8%	1 0.2%

Fonte: Autor

Para a primeira frase (5.1) “*Mal \_\_\_\_\_, fiquei irritada.*” propusemos que os informantes preenchessem o espaço lacunar com um verbo na primeira pessoa do singular, tempo passado ou presente do Indicativo. As frases abaixo são parte das propostas dadas pelos nossos informantes:

- a. *Mal **fui** fiquei irritada.*
- b. *Mal **soube**, fiquei irritada.*
- c. *Mal **caí**, fiquei irritada.*
- d. *Mal **cheguamos**, fiquei irritada.*
- e. *Mal **chegava**, fiquei irritada.*

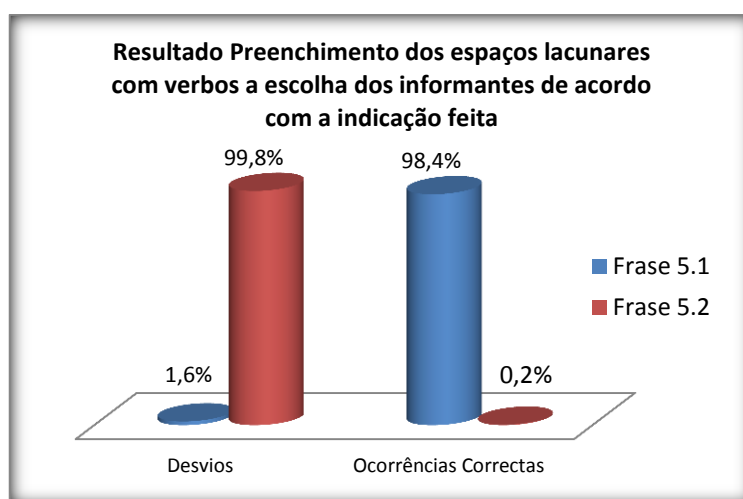
Da análise que fizemos, constatamos que a maior parte dos nossos informantes não conseguiu cumprir com as recomendações dadas no teste, com excepção de oito alunos. Por exemplo, nas frases acima, a frase d. é claramente exemplo disso, pois o verbo da subordinada encontra-se flexionado no plural, contra a indicação.

Para a mesma estrutura frásica (frase 5.2) propusemos aos nossos inquiridos para que conjugassem um verbo na segunda pessoa do singular, no tempo futuro e no modo Conjuntivo. As frases abaixo apontam parte dos resultados encontrados:

- a. *Mal **decidiu-se**, fiques irritada.*
- b. *Mal **souberes**, fiques irritada.*
- c. *Mal **sai**, fiques irritada.*
- d. *Mal **cheguei**, fiques irritada.*
- e. *Mal **conseguisse**, fiques irritada.*

Com base nas indicações de flexão indicadas, os alunos inquiridos deveriam simplesmente cumprir de modo a trazer o sentido pretendido. Entretanto, isso não foi verificado pois, a maioria dos informantes optou insistentemente por conjugar verbos no Indicativo tal como podemos observar nas frases *a.*, *c.* e *d.* Apenas, literalmente, a frase *b.*, em todos os inquiridos, foi a única que apresentou correctamente um verbo na segunda pessoa do singular, no tempo futuro e no modo Conjuntivo: *souberes*.

**Gráfico 11 – Resultado Preenchimento dos espaços lacunares com verbos à escolha dos informantes de acordo com a indicação feita**



Fonte: Autor

Como apuramos, na *frase 5.1*, onde propusemos a conjugação de um verbo no Indicativo, para além de ser respondida por quase todos os informantes (99.8%), 98.4% dos que responderam, responderam correctamente. Portanto, apenas 8 informantes cometeram desvios: por um lado indicaram tempos não recomendados, por outro, flexionaram em pessoas diferentes as indicadas no inquérito.

Adversamente, na *frase 5.2*, em que se solicitou a conjugação de um verbo no Conjuntivo, tempo futuro, segunda pessoa do singular, o número de informantes com indicações certas não passou de 1 (um), portanto, 0.2%. Os restantes 99.8% dos inqueridos foi uniforme ao cometer erros de realização do Conjuntivo. Este número agrava-se por registarmos cerca de 17.7% de abstenções, o que nos leva a inferir que não preencheram por incapacidade. Os desvios registados estavam virados, na sua maioria, para conjugações de verbos no modo Indicativo.

Finalmente, colocamos aos nossos informantes o desafio de produzirem suas próprias frases que seleccionam o modo Conjuntivo e outras o Indicativo.

Nesta sequência, no *ponto 6.1.*, propusemos aos estudantes para que elaborassem (2) duas frases em que se pretende emitir um desejado. Os informantes sugeriram entre outras, as seguintes frases:

- a. *Se eu transitar de classe, gostaria de fazer a faculdade no Maputo.*
- b. *No futuro gostaria de ser independente.*
- c. *Se eu tivesse dinheiro compraria uma casa.*
- d. *Eu desejo encontrar um trabalho.*
- e. *Eu almejo ser doutor.*

Como podemos constatar nas frases, o grosso dos informantes conseguiu elaborar frases que exprimem um desejo; uma aspiração. Claro que para este caso não é necessário, em todos os casos, utilizar o Conjuntivo, assim sendo há espaço para o Indicativo.

Já no *ponto 6.2.*, propusémos aos estudantes para que elaborassem igualmente duas (2) frases em que emitissem informações no domínio da incerteza, da eventualidade ou dúvida. Parte das produções constam nas frases abaixo:

- a. *Talvez é verdade de que as pautas já saíram.*
- b. *Duvido ninguém que paga as mensalidades ate hoje.*
- c. *Talves tudo isso fica por uma amizade.*
- d. *Não a certeza se o presidente da República chegara hj.*
- e. *É possível que eu vou a Tete.*

Para este caso é inevitável o emprego do Conjuntivo em todas as frases pois de contrário incorre-se na produção frases agramaticais (com problemas de regência). Observemos a *frase a.*, por exemplo, "*Talvez é verdade de que as pautas já saíram.*" Como já fizemos referência, quando a frase, no caso, a oração é introduzida pelo advérbio *talvez*, o verbo da frase deve estar no Conjuntivo, invariavelmente. Isso não acontece neste caso e em muitos outros semelhantes. Na *frase b.*, fora as questões de coerência, há também problemas de regência, pois nos casos em que a oração relativa é antecedida por uma subordinate com antecedente negativo (com a finalidade de referir a uma entidade que não existe), o verbo da subordinante deve ocorrer no Conjuntivo, não no Indicativo como acontece.

Um outro erro constatado nas frases acima dá-se na frase c. em que o advérbio *talvez* tem valor dubitativo. Neste caso, impõe-se ao verbo da frase o Conjuntivo (fique) em vez do Indicativo (fica). Na frase d.: “*Não a certeza se o presidente da República chegara hj.*” a par das restantes frases acontecem várias outras agramaticalidades, por exemplo, a troca da forma verbal (há) pelo artigo definido (a); a troca do pronome relativo (que) pela conjunção condicional (se); o erro ortográfico, no lugar de (hoje) é apontado (hj) e a colocação do verbo *chegar* no futuro do Indicativo, ao invés do presente do Conjuntivo (chegue). Portanto, a frase correcta seria *Não há certeza que o Presidente da República chegue hoje*. Quando a oração relativa é antecedita por uma subordinante

Por fim, na frase e. “*É possível que eu vou a Tete.*” observamos que a oração substantiva completa o sentido do predicado da oração principal. Neste caso a oração subordinada actua como complemento dependente da expressão impessoal<sup>231</sup>, por um lado, por outro, a expressão “é possível” revela-nos um certo grau de incerteza ou dúvida e daí, por uma questão de regência, remete o verbo da subordinana no modo Conjuntivo: “*É possível que eu vá à Tete*” contrariamente ao Indicativo (vou).

Facilmente podemos constatar uma forte tendência de aplicação do Indicativo em vez do Conjuntivo nas frases produzidas pelos estudantes. Este facto leva invariavelmente aos desvios regenciais uma vez não se obedecer às regras básicas de regência verbal.

Por último, solicitamos aos nossos informantes para que elaborassem (2) duas frases que expressassem uma certeza, um facto ou uma realidade. As frases a seguir são parte das respostas dadas:

- a. *Eu vou passar de classe.*
- b. *No dia 12 de Outubro todos os professores se reuniram.*
- c. *Sou uma mulher lutadora.*
- d. *É verdade que eu tenho muitos e bons conhecimentos de gramática...*
- e. *Aqui ninguém quer ser professor!*

---

<sup>231</sup> Já dissemos neste trabalho que há expressões impessoais que exigem o uso do Conjuntivo na oração completiva, como são os casos de: *basta que; convém que; é conveniente que; é admissível que; é bom que; é duvidoso que; é difícil que; é espantoso que; é estranho que; importa que; é impossível que; é justo que; é lógico que; é mau que; é melhor que; é necessário que; é pena que; é pior que; pode ser que; é possível que; é preciso que; é provável que; é raro que; é uma vergonha que.*

Para esta questão as respostas dadas ilustram claramente o domínio dos informantes ao produzirem frases no modo Indicativo. Salvo as questões de erros ortográficos e de concordância, o grosso das frases elaboradas pelos alunos confere-lhes um bom índice de produtividade de frases no Indicativo tendo em conta que são constatados poucos erros de regência verbal. A tabela abaixo faz a demonstração geral das tendências das respostas dos informantes.

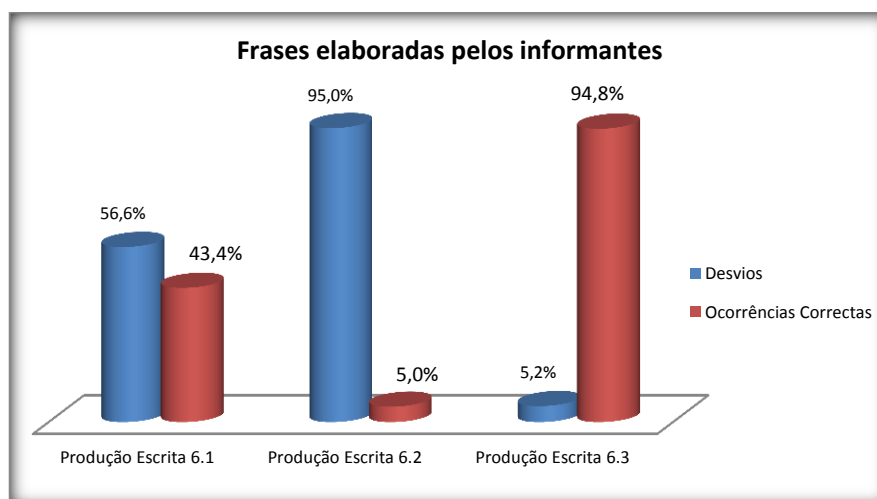
**Tabela 7 – Frases elaboradas pelos informantes**

Número de Frase	Total de Ocorrências	Desvios	Ocorrências Correctas
6.1	196 39.0%	111 56.6%	85 43.4%
6.2	202 40.2%	192 95.0%	10 5.0%
6.3	403 80.3%	21 5.2%	382 94.8%

Fonte: Autor

Os dados que obtivemos demonstraram-nos que o grosso dos alunos não respondeu correctamente às questões como se atesta, nas questões 6.1, 6.2 e 6.3, respectivamente 61%, 59.8% e 19.7%. O gráfico a seguir dá uma maior visibilidade ao que comentamos:

**Gráfico 12 – Frases elaboradas pelos informantes**



Fonte: Autor

Em termos de tendências gerais das ocorrências, verificamos, no *ponto 6.1*, dos ínfimos 39.0% que responderam, 111 informantes, do total dos informantes, portanto, 56.6% cometeram desvios linguísticos pelo facto de produzirem frases incoerentes, por um lado, por outro, não obedeceram às indicações dadas. Esta tendência, em termos de produção de frases maioritariamente fora do recomendado, deu-se igualmente nas frases do *ponto 6.2*. Neste ponto, 95.0% dos informantes cometeu desvios e apenas 5.0% apresentou ocorrências aceitáveis. Finalmente, o *ponto 6.3* apresentou uma tendência inversa aos pontos anteriores ao apresentar, primeiro, 80.3% de informantes que a responderam e, segundo, apenas 21% destes cometeu erros. Os restantes 382 informantes, 94.8%, apresentaram frases que expressam uma certeza ou um facto ou mesmo uma realidade, portanto, frases no modo Indicativo.

### **3.4 Os Conteúdos sobre Modo Conjuntivo nos Programas Curriculares do Ensino Secundário**

Da investigação que fizemos sobre os programas curriculares do Ensino Secundário Geral, da 8.<sup>a</sup> à 12.<sup>a</sup> do SNE<sup>232</sup>, constatamos que os conteúdos ligados ao modo Conjuntivo são ministrados apenas no primeiro ciclo, da 8.<sup>a</sup> a 10.<sup>a</sup> Classe. Na *tabela 8* fizemos uma síntese dos conteúdos constantes dos programas de ensino das classes acima referida.

---

<sup>232</sup> SNE – Sistema Nacional de Educação (de Moçambique).

**Tabela 8 – Resumo das Unidades e Conteúdos leccionados no Ensino secundários relacionados ao modo Conjuntivo**

Classe	Unidade Temática	Funcionamento da Língua	Objectivos	Sugestões metodológicas	Indicadores de desempenho	Tempos Lectivo
8 <sup>a</sup>	2.Textos Administrativos	Verbos regulares: tempos do modo conjuntivo				
	5. Textos Literários			Completa as frases utilizando formas dos verbos irregulares: <i>ir, sair e vir</i> , nos modos Indicativo e Conjuntivo.		8
	7. Textos Administrativos	Verbos regulares: tempos do modo conjuntivo	Usar os verbos regulares em todos os tempos do modo conjuntivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Conjugação de verbos regulares de tema em a,/e/i, em todos os tempos e modos do conjuntivo.</li> <li>– Resolução de exercícios com os verbos identificados no texto, em todos os tempos do modo conjuntivo;</li> <li>– Construção de frases, orais e escritas, em que seja necessário flexionar verbos regulares no modo conjuntivo;</li> <li>– Realização de exercícios que levem a distinção entre os verbos da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> conjugação;</li> <li>– Realização de exercícios de classificação dos verbos quanto ao tempo e modo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Identifica e extrai verbos regulares de tema em /a/, /e/ e /i/, em frases e textos.</li> <li>– Conjugua verbos regulares de tema em /a, /e/ e /i/ nos tempos do modo conjuntivo.</li> <li>– Produz frases com verbos regulares no modo conjuntivo.</li> </ul>	6
	8. Textos Jornalísticos		Resolver exercícios com os verbos <i>ser, ter, estar, haver</i> nos modos indicativo e conjuntivo.	– Conjugação sistemática destes verbos nos modos indicativo e conjuntivo.		10
	11. Textos Utilitários		Usar os verbos dizer, pedir e ouvir em todos os tempos dos modos indicativo e conjuntivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Resolução sistemática de exercícios com verbos nos modos indicativo e conjuntivo.</li> <li>– Construção de frases em que ocorram as diferentes conjunções/locuções subordinativas temporais e condicionais, com os verbos nos modos indicativo e conjuntivo</li> </ul>		8
9 <sup>a</sup>	2.Textos Administrativos	Tempos compostos: modo indicativo e conjuntivo				
	12: Textos Administrativos	Tempos compostos: o modo Conjuntivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Conjuguar verbos no modo conjuntivo e tempos compostos em frases e textos;</li> <li>– Identificar verbos no modo conjuntivo e tempos compostos em frases e textos;</li> </ul>	Usa, oralmente ou por escrito, verbos compostos no modo conjuntivo;		5



Classe	Unidade Temática	Funcionamento da Língua	Objectivos	Sugestões metodológicas	Indicadores de desempenho	Tempos Lectivo
10 <sup>a</sup>	1. Textos Normativos		O aluno deve ser capaz de: Usar os verbos <i>pôr</i> , <i>querer</i> e <i>poder</i> em frases orais e escritas.	Conjugação sistemática de verbos <i>pôr</i> , <i>querer</i> e <i>poder</i> em todos os tempos, e nos modos indicativo e conjuntivo.	Produz frases em que ocorram os verbos <i>pôr</i> , <i>querer</i> e <i>poder</i> em diferentes tempos dos modos indicativo e conjuntivo	10

Fonte: *Programas Curriculares da 8.ª, 9.ª e 10.ª Classes*<sup>233</sup>

Como podemos observar, os conteúdos programáticos relacionados ao modo Conjuntivo são leccionados apenas no primeiro ciclo do ensino secundário (8.ª, 9.ª e 10.ª Classes). Nessas classes, a 8.ª Classe é a que dedica maior tempo lectivo para trabalhar o modo Conjuntivo.

Em termos práticos, constatamos que nem todas as unidades indicadas no programa são aplicadas na prática pois apesar de algumas unidades temáticas sugerirem o tema (modo Conjuntivo) não fazem nenhum outro tipo de descrição teórica da aplicação do mesmo conteúdo, tal é o caso da *Unidade 2. - Textos Administrativos* da 8.ª Classe em que costa apenas da Visão Geral dos Conteúdos de Língua Portuguesa da 8.ª à 12.ª Classe, mas já não costa do Plano Temático da 8.ª Classe. O mesmo acontece com a *Unidade 2. - Textos Administrativos* da 9.ª Classe. Portanto, em princípio, os professores não são “obrigados” a leccionar estes conteúdos pois não encontram enquadramento (objectivos, horas, sugestões metodológicas, etc.) para serem dosificados.

Constatamos igualmente, na *Unidade 5. - Textos Literários*, na 8.ª Classe que o Programa do Ensino Secundário não faz indicação do funcionamento da língua nem os seus respectivos objectivos. Este facto demonstra haver défices na programação das actividades lectivas pelo facto de limitar a actuação do professor. O mesmo acontece na 10.ª Classe em que o modo consta no Texto Normativo. Fazendo uma análise tendo em conta as *Sugestões Metodológicas*, os *Objectivos* e o *Tempo Lectivo* descritos no programa de ensino considerámos que há uma incompatibilidade atendendo a outros condicionalismos presentes na sala de aula, são os casos de: turmas super-lotadas (com facilidades de desenvolver conversas marginais e daí fraca

<sup>233</sup> INDE/MINED, *Português, Programa da 8ª Classe*, Maputo: DINAME, pp.13-52, 2010; INDE/MINED, *Português, Programa da 9ª Classe*, Maputo: DINAME, pp.13-64, 2010; INDE/MINED, *Português, Programa da 10ª Classe*, Maputo: DINAME, pp.19-41, 2010.

atenção na explicação); debilidades dos alunos no que é respeitante à leitura e escrita<sup>234</sup>, consequentemente há uma lenta absorção do conhecimento; entre outros factores.

Daí concluímos que apesar dos programas apresentarem temas ligados ao modo Conjuntivo verificamos que eles não podem ser trabalhados com o máximo proveito. Nos Manuais Escolares, por exemplo, as indicações de actividades relacionadas com o tema, na maior parte sugerem a conjugação de verbos, nas suas mais diversas formas, relegando para o segundo plano as questões semânticas e gramaticais (regência). Com tudo isso consideramos que não há condições para que os alunos tenham domínio bastante em relação à concepção e aplicação do modo Conjuntivo.

---

<sup>234</sup> As dificuldades de leitura e escrita por parte dos alunos é tema amplamente estudado em monografias e dissertações.

## Capítulo IV

### 4. Considerações Finais e Recomendações

#### 4.1 Conclusões

Neste capítulo apresentamos aquelas que são as nossas principais conclusões e recomendações. Nesta fase do trabalho importa-nos recordar entre outros objectivos que este estudo pretendeu: para além de estudar um fenómeno linguístico ligado ao uso do modo Conjuntivo; também desenvolver referências para os demais interessados, sobretudo os professores de língua, de modo que estes possam ter ao seu dispor informações que lhes permitam ter melhor entendimento sobre as principais contingências no ensino-aprendizagem desta categoria gramatical. Em última análise, pretendemos que este estudo seja uma ferramenta útil na revisão e desenvolvimento de matérias/conteúdos didáticos, principalmente na elaboração de estratégias didáctico-pedagógicas adequadas às especificidades dos aprendentes que compõem a sala de aula, com o intuito de construir um ensino mais eficaz, com elevado grau de sucesso escolar.

Em relação às ocorrências de usos corretos do Conjuntivo, com base nos resultados do exercício número seis, concluímos que os nossos informantes não são capazes de reconhecer e aplicar as regras de uso do Conjuntivo nos contextos de frases absolutas e de subordinadas completivas de verbos volitivos, epistémicos e causativos, subordinadas condicionais, relativas restritivas e temporais. Portanto, as dificuldades na aplicação prática do modo Conjuntivo ocorrem nas frases absolutas e em todas outras formas de subordinação, exceptuando frases em que se impõe o emprego do Futuro do Conjuntivo (simples). Pensamos que os desvios no uso de Conjuntivo em orações subordinadas possam justificar-se pelo fraco domínio da concepção e natureza da expressão “modo Conjuntivo”. Como dissemos no capítulo três do nosso trabalho, o conhecimento do significado é fundamental para a sua correcta aplicação. Em contrapartida, grande parte dos alunos não possui conhecimento, nem dos conceitos, nem a aplicabilidade prática do modo Conjuntivo. Este défice, redobramos, justifica todo um conjunto de dificuldades na aplicação adequada do modo Conjuntivo.

Outrossim, consideramos que a constante recorrência ao modo Indicativo na comunicação quotidiana faz com que os falantes desloquem a mesma estrutura frásica-gramatical quando pretendem produzir frases que são condicionadas pelo Conjuntivo.

Verificamos que, em muitos casos em que a subordinada contem verbos volitivos, a ocorrência de erros de regência entre o verbo da oração matriz e o verbo da oração subordinada mostrando que os aprendentes têm dificuldades ao nível da tratamento semântico dos termos e expressões (descodificação da significação dos enunciados). Daí concluirmos que os erros ligados a regência são causados pelo não conhecimento do falante e não por opção (metafórica) ou outra equivalente. Alia-se a este ponto as dificuldades na realização morfológica (flexão) de verbos no Conjuntivo. Em contrapartida, constatamos que o grosso dos alunos emprega, com muita facilidade, o modo Indicativo. Constatamos, com frequência, casos de permuta: nas posições atribuídas ao Conjuntivo, são empregues verbos no Indicativo.

Sobre os Programas Curriculares, concluímos que o tempo lectivo dedicado a ministrar os conteúdos relacionados com o modo Conjuntivo é irrisório pois os programas curriculares prevêem dentro de uma unidade temática trabalhar vários outros conteúdos sem, contudo, dedicar tempo bastante para as sua efectividade o que torna difícil gerir com sucesso situações do género.

De uma forma geral concluímos que o nível de proficiência linguística é demasiado baixo tendo em consideração o elevado número de amostragem de textos. Portanto, grande parte das respostas evidenciaram ocorrências de desvios que nos fazem concluir que os aprendentes (independentemente da idade, sexo e extrato social) não foram capazes de adquirir/aprender de forma satisfatória, ao longo da sua formação (tratando-se de alunos finalistas do ensino geral), as regras do sistema linguístico do português (PE) no que concerne ao uso do modo Conjuntivo.

#### **4.2 Recomendações**

Considerando que em línguas, o *erro* é todo uso linguístico que não segue as normas impostas pela gramática, há uma enorme necessidade de aplicarmos estratégias didáctico-pedagógicas que contribuam para elevar os índices de aprendizagem da língua, neste caso, das normas de uso do modo Conjuntivo.

Desta feita, recomendamos aos planificadores dos programas curriculares para dedicarem maior atenção aos temas ligados ao funcionamento da língua porquanto muitos deles possuem horas reduzidas. Este entrave condiciona a realização de “aulas perfeitas”. Outrossim, recomendamos a este grupo de gestores para que tenham maior atenção na produção dos conteúdos sob pena de deixarem informações não acabadas ou incompletas (no caso de

sugerirem os temas sem, contudo, apresentarem outras descrições relevantes) e isso permitir a não execução do conteúdo.

Aos professores de língua portuguesa, em particular, por conta da responsabilidade de desenvolver os conteúdos na sala de aula, recomendamos para que façam levantamento diagnóstico das competências dos alunos no concernente à concepção do modo Conjuntivo. Este procedimento vai permitir que o professor possa planificar a sua aula tendo em conta a situação real da turma e não apenas acompanhar as indicações dos programas. Constatadas as dificuldades dos alunos, os professores podem recomendar actividades (de preferência em grupo) que possam permitir um maior engajamento do aluno e re aquisição do conhecimento. Enquanto os currículos não favorecerem, esta prática vai permitir que o professor ganhe mais tempo e daí mais possibilidades de trabalhar, para além da flexão dos verbos, como é normalmente sugerido pelos programas, o significado e as questões de regência (orações absolutas e subordinadas).

Trabalhados os conteúdos em sala de aula, os professores podem igualmente chegar ao consenso juntamente com os alunos durante um certo período das aulas seguintes todas as intervenções feitas pelos estudantes tivessem que ser feitas utilizando o modo Conjuntivo. Esta prática iria permitir um maior exercício intelectual por parte dos alunos e isso ia permitir uma melhor consolidação do conteúdo.

Aos alunos/falantes de língua portuguesa, recomendamos para que busquem actividades complementares sobre a conjugação e aplicação do modo Conjuntivo desde a produção de frases simples a, posteriormente, complexas; preenchimento de espaços lacunares; correspondências de frases simples, etc. Estas actividades podem preencher um espaço vazio deixado na sala de aulas por questões de cumprimento do programa escolar (por parte do professor).

As nossas recomendações estendem-se aos pais e encarregados de educação, para que façam um acompanhamento regular sobre a aprendizagem do aluno tendo em conta os conteúdos programáticos para a classe em que o educando se encontra a frequentar. Esta acção vai contribuir para que haja maior experiência prática do conhecimento adquirido em sala de aula. Esta prática é válida para todos outros conteúdos assimilados pelos alunos.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia

- AAVV, *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, Lisboa: Verbo, 15ª ed., (s/d).
- COIMBRA, Isabel e COIMBRA e Olga Mata, *Gramática Activa 1*, Lisboa, 2000.
- COSTA, João, *Gramática Moderna da Língua Portuguesa*, Lisboa, Escolar Editora, 2010.
- CUNHA, C. e CINTRA L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 1984.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Porto, 19ª ed., 2010.
- FARIA, I. H., "*Conjuntivo e a Restrição da Frase-Mais-Alta*", in Boletim de Filologia, Tomo XXIII, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1974.
- FIGUEIREDO, Olívia Maria, FIGUEIREDO, Eunice Burbieri de, *Dicionário Prático para o Estudo do Português – Da Língua aos discursos*, Lisboa: ASA Editores, 2ª ed., 2003.
- GIL, António Carlos, *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.
- INDE/MINED, *Português, Programa da 8ª Classe*, Maputo: DINAME, 2010.
- INDE/MINED, *Português, Programa da 9ª Classe*, Maputo: DINAME, 2010.
- INDE/MINED, *Português, Programa da 10ª Classe*, Maputo: DINAME, 2010.
- ISABEL HUB. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 6.ª ed., 2004.
- KONUPKOVÁ, Radka, *O Emprego do Modo Conjuntivo*, Magisterská diplomová práce, Filozofická fakulta, Masarykova Univerzita, Brno, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade, *Métodos de Trabalhos Científicos*, São Paulo, Atlas, 1995.
- MARQUES, Maria Luísa Dias Leão, *O Modo Conjuntivo e a Expressão de Tempo em Frases Completivas*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.
- MARQUES, Rui, *Sobre o Valor dos Modos Conjuntivo e Indicativo em Português*. Lisboa, 1995.
- MATEUS, M. H, A. M. Brito, I. Duarte e J. Faria, 1983, *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra, 1983.
- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 7ª ed., 2003.
- MENDES, Mariana Brito. *Para uma sintaxe do conjuntivo em português*. Lisboa, 1996
- PERES, João e MÓIA, Telmo, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- RAMPAZZO, L., *Metodologia de Investigação Científica*, São Paulo, 2003.

SARDINHA, Leonor e RAMOS, Lydia Vieira, *Prontuário e Conjugação de Verbos*, Lisboa: Didáctica Editora, 2ª ed., 2004.

SILVA, Ademar da, *Tempo Futuro e Linguagem. In: A Expressão da Futuridade no Português Falado*. Araraquara: UNESP, FLC, Laboratório Editorial, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

STROUD, Christopher e GONÇALVES, Perpétua, *Panorama do Português Oral de Maputo - Objectivos e Métodos*. Maputo, vol I, 1997.

TEIXEIRA, Paulo. *Inventário e Despedida*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

Sítios da Internet acedidos:

- <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=25138> [consultado em 25-08-13].
- <http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf60.php> [consultado em 25-06-2013].
- [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 15-06-2013].
- [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 15-06-2013].
- <http://www.soportugues.com.br/secoes/morfo/morf60.php> [consultado em 25-05-13].
- [http://www.infopedia.pt/\\$modo](http://www.infopedia.pt/$modo) [consultado em 05-09-2013]
- <http://www.priberam.pt/dlpo/talvez> [consultado em 05-10-2013].
- <http://www.priberam.pt/dlpo/reg%c3%aancia> [consultado em 05-10-2013].
- [http://www.infopedia.pt/\\$conjuntivo;jsessionid=+wNmrQCQ66kiGsK4pGknnw](http://www.infopedia.pt/$conjuntivo;jsessionid=+wNmrQCQ66kiGsK4pGknnw) [consultado em 02-08-13].
- <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 15-08-13].
- <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=gramatica&op=cap11-15-regencia> [consultado em 10-09-2013].
- <http://www3.hf.uio.no/ilos/studier/fleksibel/portugisisk/emne/por1102/presppt/Conjuntivo.pps> [consultado em 25-08-13], (MKW – Marcin Krzysztor Wlodek).
- <http://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#conjvsind> [consultado em 18-07-2013].
- <http://www.laits.utexas.edu/clicabrasil/sites/laits.utexas.edu.clicabrasil/files/FUTURO%20%28SUBJUNTIVO%29.pdf> [consultado em 28-09-13].

## Inquérito Sociolinguístico

Este inquérito destina-se a um trabalho de investigação para elaboração de dissertação para o Curso de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade Aveiro (Portugal). Gostaríamos que ao responder este inquérito considerasse que não há respostas certas nem erradas. Os dados serão tratados de forma anónima.

Dados do informante para tratamento estatístico		
Sexo: <input type="checkbox"/> feminino <input type="checkbox"/> masculino	Idade: <input type="checkbox"/> até 20 anos <input type="checkbox"/> de 21 a 30 anos <input type="checkbox"/> de 31 a 40 anos <input type="checkbox"/> mais de 40 anos	Língua materna: <input type="checkbox"/> português <input type="checkbox"/> outra. Qual? _____

### 1. Responda às seguintes questões:

1.1 O que entendes por modo Conjuntivo?

---

---

---

1.2 Quando é que se aplica o modo Conjuntivo?

---

---

---

Marque em apenas um quadradinho na opção que achares conveniente: debilidades

### 2. Tens tido dificuldades de empregar (quer seja na oralidade ou na escrita) o modo Conjuntivo?

2.1  Sim

2.2  Não

2.3  Algumas vezes

### 3. Se marcaste “sim” ou “algumas vezes” (no número 2.), diga porquê:

3.1  Não dominas a matéria ligada ao modo Conjuntivo.

3.2  As explicações em sala de aula não são totalmente compreensíveis.

3.3  Não tens necessidades de aplicar verbos no modo Conjuntivo.

3.4  outra: \_\_\_\_\_

### 4. Preencha os espaços lacunares com os verbos indicados no final das frases:

4.1 Oxalá \_\_\_\_\_ felizes! (ser)

4.2 Talvez \_\_\_\_\_ bom dormir agora. (ser)

4.3 Vou a um supermercado que \_\_\_\_\_ perto de casa. (ficar)

4.4 Vou ao supermercado que \_\_\_\_\_ perto de casa. (ficar)



- 4.5 É uma pena que tu não \_\_\_\_\_ vir connosco ao cinema. (poder)
- 4.6 Em todo o caso, gostava que me \_\_\_\_\_ um amigo. (considerar)
- 4.7 Não devolvo os bens, sem que o Tribunal \_\_\_\_\_ tudo. (decidir)
- 4.8 Não posso ir contigo ao cinema: não porque não \_\_\_\_\_, mas porque não tenho tempo. (querer)
- 4.9 Quando eu \_\_\_\_\_, compro-te um presente. (viajar)
- 4.10 Se \_\_\_\_\_ as janelas, não teriam a casa assaltada. (ter e fechar)

**5. Preencha os espaços lacunares com verbos a sua escolha de acordo com a indicação feita entre parênteses.**

- 5.1 Mal \_\_\_\_\_, fiquei irritada. (1ª pessoa do singular, tempo passado, modo Indicativo)
- 5.2 Mal \_\_\_\_\_, fiques irritada. (1ª pessoa do singular, tempo futuro do Conjuntivo)

**6. Construção de frases:**

6.1 Elabore (2) duas frases em que pretendes emitir um desejado.

---

---

---

---

6.2 Elabore (2) duas frases em que pretendes emitir uma incerteza, eventualidade ou dúvida.

---

---

---

---

6.3 Agora, elabore (2) duas frases em que expressas uma certeza, um fato ou uma realidade.

---

---

---

---

Fim.

MUITO OBRIGADO.